

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIAS  
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**JOÃO MARCOS FRANCISCO E SILVA**

**DE DONBASS A DAMASCO: EMPRESAS MILITARES COMO  
INSTRUMENTOS DE PROJEÇÃO GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA**

**GOIÂNIA  
2023**

JOÃO MARCOS FRANCISCO E SILVA

**DE DONBASS A DAMASCO: EMPRESAS MILITARES COMO  
INSTRUMENTOS DE PROJEÇÃO GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel(a) em Relações Internacionais.  
Orientador(a): Prof. Me. Guilherme Augusto Batista Carvalho.

GOIÂNIA

2023

Silva, João Marcos. 2023.

De Donbass a Damasco: Empresas Militares como instrumentos de projeção geopolítica da Rússia/ João Marcos Francisco e Silva – Goiânia, 2023.  
Total de folhas: 74 f. il.

Orientador: Prof. Me. Guilherme Augusto Batista Carvalho

Monografia (Curso de Graduação em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Goiânia, 2023.

1. Empresas Militares. 2. Rússia. 3. Wagner Group. 4. Síria. 5. Ucrânia. I. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Direito, Negócios e Comunicação. II. De Donbass a Damasco: Empresas Militares como instrumentos de projeção geopolítica da Rússia.

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**JOÃO MARCOS FRANCISCO E SILVA**  
**DE DONBASS A DAMASCO: EMPRESAS MILITARES COMO**  
**INSTRUMENTOS DE PROJEÇÃO GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel(a) em Relações Internacionais.  
Orientador(a): Prof. Me. Guilherme Augusto Batista Carvalho

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

### **BANCA EXAMINADORA:**

\_\_\_\_\_  
Me. Guilherme Augusto Batista Carvalho (Orientador – PUC Goiás)

\_\_\_\_\_  
Me. Giovanni Hideki Chinaglia Okado

\_\_\_\_\_  
Dr. Danillo Alarcon

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao meu orientador Prof. Me. Guilherme Augusto Batista Carvalho por todo apoio prestado ao longo do semestre, sua paciência e prestatividade em me auxiliar nos momentos de mais dificuldade e incertezas, me inspirando sempre a melhorar. Agradeço também a todos os professores que estiveram presentes ao longo do curso, especialmente ao Giovanni e Danilo, por acreditarem em mim em momentos que eu mesmo não conseguia. Sou grato a cada um de vocês, pois, nos momentos de mais incerteza, estiveram ao meu lado e me possibilitaram meios de reconectar comigo mesmo. Aos meus amigos que fiz ao longo do curso, eu gostaria de agradecê-los, pois, estiveram sempre comigo ao longo dessa caminhada, espero contar com vocês sempre e desejo todo sucesso a cada um, vocês merecem!

Por fim, gostaria de dedicar um agradecimento especial a minha família, principalmente, a minha mãe e meu pai, por sempre estarem presentes em minha vida, me dando condições de me tornar a pessoa que hoje sou. Muito obrigado pelo dom da vida e por todos os ensinamentos que recebi, vocês são minha âncora!

Enfim, obrigado a todos que de alguma forma estiveram presentes na minha vida ao longo desses anos!

## RESUMO

O objetivo do trabalho é analisar o emprego de Empresas Militares Privadas (EMP's) pela Rússia em locais estratégicos, com foco na atuação do Wagner Group nos conflitos da Ucrânia e da Síria. A ascensão das EMP's, em especial no contexto do pós-Guerra Fria, resultou em uma mudança de paradigmas a respeito da temática de segurança e da guerra, o que, permitiu com que atores não-estatais passassem a adquirir cada vez mais influência e prestígio no contexto geopolítico. Essa perspectiva se deu por meio da adoção de táticas não convencionais de guerra, principalmente, a partir do emprego de atores militares privados em operações militares de modo a aumentar as chances de sucesso e reduzir os custos humanos, econômicos e políticos de tais ações. Desse modo, objetiva-se compreender se o emprego e utilização da Wagner Group representaria um instrumento de projeção de poder e influência da Rússia nessas regiões estratégicas de conflito. Assim, busca-se questionar também até que ponto se daria o envolvimento dessas empresas nos conflitos analisados e os benefícios que sua utilização propiciaria a Rússia? Portanto, visando esse objetivo, o trabalho se baseará na realização de um estudo de caso comparativo, empregando uma revisão bibliográfica a respeito dos temas pertinentes a utilização dessas EMPs. No que se refere as conclusões, será possível observar que essas corporações, em ambos os conflitos, desempenharam um papel fundamental nas operações, passando a exercer diversas outras funções, não limitadas apenas a prestação de papéis auxiliares, mas atuando em outras esferas do conflito, como em combates diretos, funções de inteligência e na promoção de campanhas de propagandas e desinformação. Somado a isso, o emprego de EMPs nesses casos também possibilitou com que a Rússia conquistasse diversos ganhos relativos referentes as áreas econômicas, geopolíticas e ideológicas, demonstrando-se como importantes instrumentos de guerra híbrida.

Palavras-chave: Empresas Militares; Rússia; Wagner Group; Síria; Ucrânia.

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to analyze the use of Private Military Companies (PMCs) by Russia in strategic locations, focusing on the Wagner Group's involvement in the conflicts in Ukraine and Syria. The rise of PMCs, especially in the post-Cold War context, has led to a paradigm shift regarding security and warfare, allowing non-state actors to increasingly gain influence and prestige in the geopolitical landscape. This perspective has emerged through the adoption of unconventional war tactics, primarily through the employment of private military actors in military operations to enhance the chances of success and reduce the human, economic, and political costs of such actions. Thus, the goal is to understand whether the deployment and utilization of the Wagner Group would represent an instrument for projecting Russia's power and influence in these strategic conflict regions. Therefore, it also seeks to question the extent to which these companies would be involved in the analyzed conflicts and the benefits that their use would provide to Russia. To achieve this objective, the work will be based on the conduct of a comparative case study, employing a literature review on topics relevant to the use of these PMCs. Regarding the conclusions, it will be possible to observe that these corporations, in both conflicts, played a fundamental role in operations, taking on various functions beyond merely auxiliary roles, including direct combat, intelligence functions, and the promotion of propaganda and disinformation campaigns. In addition to this, the use of PMCs in these cases also enabled Russia to achieve various gains related to economic, geopolitical, and ideological areas, demonstrating their importance as instruments of hybrid warfare.

**Key Words:** Private Military Companies; Russia; Wagner Group; Syria; Ukraine;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Gastos militares russos em dólares (1992 – 2022) .....	36
Figura 2- Percentual com base no PIB da Rússia dos gastos militares (1992 – 2022)....	37
Figura 3 – PIB russo em Trilhões USD (1992 – 2022) .....	38
Figura 4 - Número de países em que as EMPs operaram (2010 – 2021) .....	39
Figura 5 – Mapa da propagação da atividade de EMPs russas desde 2014.....	40
Figura 6 – Crescimento econômico da Rússia vs crescimento econômico do mundo vs crescimento do PIB (2004 – 2021) .....	42



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	09
<b>METODOLOGIA.....</b>	12
<b>1 ASCENSÃO E HISTÓRIA DAS EMPRESAS MILITARES PRIVADAS.....</b>	15
1.1 ASCENSÃO DAS EMPRESAS MILITARES PRIVADAS NA RÚSSIA.....	18
<b>2 ANÁLISE HISTÓRICA (DO FIM DA URSS ATÉ PUTIN).....</b>	26
2.1 O GOVERNO DE YELTSIN.....	28
2.2 A ASCENSÃO DE PUTIN AO PODER.....	31
<b>3 ESTUDO DE CASO COMPARADO: UCRÂNIA E SÍRIA.....</b>	43
3.1 ESTUDO DE CASO UCRANIANO.....	44
3.2 ESTUDO DE CASO SÍRIO.....	51
3.3 ESTUDO DE CASO COMPARADO.....	57
<b>CONCLUSÃO.....</b>	63
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	66

## INTRODUÇÃO

O fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) um cenário de instabilidades e incertezas que passaram a desempenhar um papel fundamental na condução política do país ao longo dos próximos anos. Fato é que, a ascensão de Yeltsin, permeada por diversas reestruturações de âmbito geopolítico, estrutural, econômico e ideológico levou a um realinhamento do país a instituições ocidentais, objetivando se afastar do legado histórico deixado pela União Soviética.

Desse modo, os próximos anos de seu governo se caracterizaram não só por uma redução significativa no aparato militar do país, mas, pela proposição de planos de privatização de segurança que tinham, como objetivo, incentivar o desenvolvimento de empresas do setor e adequar o país na inserção de uma nova ordem mundial, esta que estaria pautada na adequação aos valores ocidentais prevalecentes com o final da Guerra Fria. Essa conjuntura contribuiu para o fortalecimento do grupo de oligarcas que, cada vez mais, passaram a desempenhar um papel significativo na condução política do país.

Nesse contexto, nota-se o início de uma forte onda de privatizações desses setores de segurança, levando à constituição e formação de diversas Empresas Militares Privadas que, passaram a ofertar seus serviços de segurança para outras corporações, grande parte delas estatais, que necessitavam desses serviços para protegerem suas operações no exterior (RONDEAUX, 2019). Esse fenômeno não se limitou ao caso da Rússia, mas, após o final da Guerra Fria, se tornou uma prática recorrente em praticamente todo o mundo. A redução dos contingentes militares após a Guerra Fria e a maior incidência de conflitos intranacionais e regionais, em detrimento de conflitos internacionais, se tornou um aspecto motivador na criação e utilização desses atores privados, uma vez que, se tornavam alternativas menos custosas do que a manutenção de um forte contingente militar (MOTA, 2020)

Desse modo, a ascensão de Putin, e seus ideais de renascimento da “Grande Nação Russa”, revivendo aspectos da Doutrina de Primakov<sup>1</sup>, principalmente, no que condiz à perspectiva de projeção de poder e limitação da expansão da OTAN, resultou na

---

<sup>1</sup> De acordo com Zhebit (2019), o termo “paradigma”, proposto por Tsygankov se referiria a “capacidade de Primakov de reunir e expressar o discurso político de um grande grupo de estadistas russos, contrários ao curso neoliberal em economia e ciosos da preservação de interesses nacionais da nova Rússia na política internacional.” (ZHEBIT, 2019, p. 426). Ademais, Primakov prezava pela restauração do país ao status de grande potência, ressaltando a necessidade de atribuir um foco a uma política multivetorial, isto é, com diversos focos, como os Estados Unidos, Europa, Japão, Oriente Médio, China...

reestruturação do foco do país para áreas jogadas como estratégicas, com destaque para o Oriente Médio, África e o entorno geográfico da Rússia. Essa reestruturação se deu, em grande parte, por meio da prestação de assistência militar e técnica a esses países fragilizados, em troca de concessões econômicas e do fortalecimento das relações, fator esse que, contribuiu para que essas Empresas Militares Privadas emergentes se destacassem como uma alternativa mais viável econômica e politicamente falando para prestar esses serviços do que a mobilização do aparato militar nacional (RONDEAUX, 2019)

O trabalho em questão, portanto, objetiva justamente fazer uma análise a respeito da importância que essas Empresas Militares Privadas (EMPs), com destaque para a Wagner Group, passaram a desempenhar ao longo dos últimos anos, principalmente, no que condiz a sua utilização por parte do Estado russo em operações militares específicas, como é o caso da Ucrânia e da Síria, como forma de assegurar determinados interesses e auxiliar na projeção de influência do país nesses locais estratégicos. Desse modo, há de se buscar compreender, em princípio, os antecedentes históricos que levaram à constituição e utilização desses atores, traçando paralelos com políticas prévias soviéticas e analisando os aspectos políticos, ideológicos, econômicos e culturais que vieram a influenciar nessa conjuntura.

Somado a isso, busca-se propor algumas perguntas e questionamentos a respeito do emprego desses atores por parte da Rússia, isto é, é possível verificar o emprego desses atores? Quais as funções desempenhadas por essas EMPs e quais os benefícios de sua utilização para o país? Até que ponto a utilização dessas EMPs poderia vir a representar um certo padrão de conduta da Rússia, de modo a propagar seus interesses e sua influência em locais estratégicos, mesmo que de forma indireta?

Sendo assim, no que condiz ao aspecto metodológico do trabalho, objetiva-se trabalhar com algumas variáveis. A variável dependente que regerá o trabalho se voltará para compreender e explicar a projeção de influência russa em locais e zonas estratégicas, enquanto que, as variáveis independentes, se comportarão tais como indicadores, verificando, portanto, a presença ou não da participação dessas EMPs nos conflitos, suas funções e os possíveis ganhos relativos de sua utilização. O trabalho buscará, portanto, realizar um estudo de caso comparativo, através da utilização de uma revisão bibliográfica a respeito dos temas pertinentes as EMPs.

É necessário destacar que o trabalho de modo algum se propõe a exaurir o tema referente a utilização de Empresas Militares Privadas russas pelo governo, mas, objetiva

em última instância, contribuir para a fomentação do debate a respeito de um tema extremamente relevante e pouco abordado academicamente. A importância em conceber essa nova dinâmica se dá, uma vez que, a legislação internacional parece carecer de mecanismos robustos de responsabilidade no que condiz à temática analisada. Ademais, a utilização desses atores contribui para a manutenção de mecanismos de plausible deniability que concede a parte contratante meios de se eximir de uma possível responsabilidade a respeito de atos e atitudes tidas como criminosas. Sendo assim, há de se atribuir maior visibilidade ao tema, de modo a tentar compreender sua lógica de funcionamento e, conseqüentemente, limitar e responsabilizar possíveis violações.

Portanto, em um primeiro momento, o trabalho buscará realizar uma análise voltado para as Empresas Militares Privadas, a princípio, de uma forma mais ampla e, posteriormente, atribuir um maior foco para as corporações russas, analisando os seus antecedentes e o processo de constituição desses atores. Em seguida, no segundo capítulo, há de se almejar realizar uma análise histórica, abrangendo desde a queda da URSS, os governos de Yeltsin e a ascensão de Putin, relacionando certos aspectos históricos e políticos que poderiam ter influenciado a constituição e utilização desses atores privados pelo Estado.

Os últimos capítulos se voltarão para a realização de um estudo de caso comparado, considerando as operações russas realizadas na Ucrânia em 2014 e na Síria em 2015. Para tanto, há de buscar realizar uma revisão bibliográfica a respeito dos conteúdos e temas pertinentes ao tema de EMPs, com enfoque naquelas de procedência russa e, principalmente, na Wagner Group. Complementarmente, há de se empregar um procedimento técnico de pesquisa bibliográfica, analisando documentos, relatórios, artigos e notícias referentes a atuação dessas corporações no âmbito dos conflitos analisados, buscando, estabelecer se há relações entre eles e, se confirmado a participação dessas corporações nos casos propostos, entender até que ponto essas empresas estariam atreladas a um possível padrão ou estratégia de guerra híbrida<sup>2</sup> da Rússia, como forma de promoção de seus interesses e influências em zonas estratégicas específicas.

---

<sup>2</sup> De acordo com Mota (2020) a terminologia de Guerra Híbrida é utilizada de modo a se referir a um novo paradigma de conflito na contemporaneidade, se caracterizando pelo emprego de elementos regulares, irregulares e criminais que costumam atuar sinergicamente com objetivos comuns de desafio ao Estado. Nesse sentido o termo híbrido representa a combinação de duas ou mais coisas de naturezas diferentes, isto é, nesse caso a guerra híbrida faria alusão a combinação do paradigma de guerra regular com o de guerra irregular, além de incorporar outros aspectos, como ameaças em várias dimensões, desde a área econômica, cibernética, biológica, midiática, além do campo de segurança.

## METODOLOGIA

A metodologia empregada ao longo desse trabalho se baseará em um estudo de caso comparativo, tendo em conjunto a pesquisa teórica a respeito dos conteúdos e temas pertinentes ao assunto de Empresas Militares Privadas, com enfoque central para aquelas de procedência russa, em essencial a Wagner Group. Ademais, será utilizado um foco adicional a sua atuação no contexto da Guerra da Ucrânia em 2014 e da Síria, a partir de 2015, empregando um procedimento técnico de pesquisa bibliográfica de modo a, analisar nesses textos acadêmicos, documentos e relatórios governamentais, dados e pesquisas de Organizações Internacionais, como a utilização de Empresas Militares Privadas pelo Estado Russo nesse local se deu e quais seriam suas reais motivações.

A escolha do método comparativo foi priorizada uma vez que, trata-se de uma ferramenta fundamental de análise, permitindo analisar casos distintos de modo a trazer um enfoque nas diferenças e similaridades que os caracterizam, contribuindo para a descoberta indutiva de novas hipóteses e da construção teórica a respeito da temática (COLLIER, 1993). A comparação nesse sentido corrobora para testar a hipótese central desse trabalho, isto é, o emprego da Wagner Group e outras Empresas Militares Privadas (EMPs) na Ucrânia e Síria se daria com o objetivo de expandir os interesses e influência russa sem, no entanto, acarretar em grandes custos econômicos e políticos. Desse modo, a escolha por esses dois casos se deu devido ao fato de que, embora distintos, se trata de casos comparáveis e, como imputado por Arendt Lipjhart (1975) apresentam semelhanças entre um grande número de características importantes (variáveis) que se deseja tratar como constantes, como por exemplo, a utilização de empresas militares privadas por parte da Rússia, como forma de assegurar determinados objetivos geopolíticos (LIPJHART, 1975). Collier (1993) (apud, PASQUARELLI, 2014) estabelece que:

Os estudos comparativos devem ser entendidos a partir de três finalidades: o exame sistemático da covariância entre casos, com o objetivo de realizar análises causais; mostrar que um modelo particular pode utilizar conceitos que esclarecem os casos; comparar dois ou mais casos mostrando suas diferenças (COLLIER, 1993 apud PASQUARELLI, 2014, p.18)

Portanto, a utilização desses dois casos específicos se deu pelo seu caráter emblemático no contexto internacional, trazendo grandes repercussões nos canais midiáticos e no Sistema Internacional, tornando-se assim possíveis expoentes de uma

estratégia russa de Política Externa, além de seus desdobramentos terem contribuído para fomentar o debate a respeito da utilização desses atores privados. A escolha de se limitar a somente dois casos específicos, se deu uma vez que, torna-se “mais prático conceder prioridade ao enfoque em um número limitado de casos comparáveis e à descoberta de generalizações parciais” (LIPJHART, 1975, p. 11).

Dentre as variáveis consideradas há de se destacar como variável dependente, isto é, aquilo que se busca compreender e explicar, a projeção de influência russa em locais estratégicos, enquanto que as variáveis independentes, se portariam de modo a representar os instrumentos utilizados pelo Estado a fim de alcançar esse objetivo. Nesse caso, destaca-se a atuação e presença de EMP's, com enfoque na Wagner Group, em áreas de conflitos, o *modus operandis*, considerando aqui a as funções desempenhadas por essas empresas, como por exemplo, a sua participação em confrontos diretos (linhas de frente), papéis auxiliares, prestação de apoio a tropas russas e forças aliadas, além de funções de inteligência das operações e sua possível participação em campanhas de propaganda e desinformação. Ademais, a última variável, buscará contemplar os possíveis ganhos relativos em empregar esses atores em detrimento das forças armadas nacionais.

No que condiz a ideia de ganhos relativos, há de se considerar em grande parte a ideia da Doutrina de Primakov, a respeito da disseminação da influência russa em países e locais considerados como estratégicos para o Estado como forma de projeção de poder. Para tanto, há de se considerar o papel que essas EMP's desempenharam nessas operações específicas de modo a promover esses interesses e assegurar ganhos relativos para o Estado. Portanto, essa concepção de ganhos será analisada com base em alguns elementos centrais, sendo eles o aspecto econômico, geopolítico e ideológico.

O fato de o trabalho não se basear em um aporte teórico específico não se torna um delimitador, mas, objetiva-se assim trabalhar diretamente com conceitos relacionados às EMP's, definindo-as e empregando-os em uma análise mais focada nos casos específicos. Assim, busca-se trabalhar com esse aporte conceitual no contexto dos conflitos da Ucrânia e Síria de modo a tentar conceber as motivações e supostos interesses por parte do Estado russo em se utilizar desses atores não estatais. Somado a isso, há de se almejar realizar uma análise histórica mais geral a respeito do histórico de utilização desses atores privados em um contexto mais amplo, concebendo em última instância os paradigmas que permitiram sua ascensão e/ou retorno a um papel cada vez mais atuante no cenário internacional e suas possíveis ramificações.

Conjuntamente, almeja-se propor certas indagações a respeito da utilização desses atores por parte do Estado russo, isto é, até que ponto se dá o envolvimento e utilização de Empresas Militares Privadas nesses conflitos? Quais os benefícios da utilização dessas entidades privadas em detrimento da priorização das forças armadas nacionais russas? Até que ponto a utilização de EMP's pode vir a se constituir como uma estratégia de guerra híbrida da Rússia de propagar seus interesses e sua influência nesses locais, mesmo que de forma indireta?

Portanto, nota-se que o foco consiste basicamente em compreender a dinâmica referente a utilização das EMP's, com enfoque na atuação da Wagner Group, em locais como a Ucrânia e Síria, objetivando estabelecer ou compreender a existência ou não de um certo padrão que, em última instância, pavimentaria o caminho para novas operações semelhantes. Ademais, ao realizar essas análises objetiva-se também permitir uma melhor compreensão dessa modalidade de guerra híbrida que, desde a década de 2010, tem se observado um crescente envolvimento desses atores, fator esse que, por sua vez, pode vir a se constituir como um mecanismo alternativo para driblar as responsabilidades estatais e diminuir os mecanismos de *accountability* referentes a possíveis violações de direitos humanos.

Por fim, ressalta que o presente trabalho não se propõe a exaurir o tema referente as Empresas Militares Privadas Russas, mas, como abordado anteriormente, buscaria efetuar uma análise pontual de certos atores e seu envolvimento em operações militares nos locais mencionados, isto é, Ucrânia e Síria. Essa comparação se dá de modo a explicitar semelhanças e diferenças relativas a essas operações, além de, buscar compreender o papel que essas empresas desempenham, ou não, na estratégia de consolidação do poderio de defesa russa e dos seus interesses no exterior.

## 1. ASCENSÃO E HISTÓRIA DAS EMPRESAS MILITARES PRIVADAS

Ao analisar a história militar da humanidade como um todo, a ideia de atores privados atuando em conflitos em prol de interesses de determinados atores do sistema internacional se torna uma constante, ao invés de ser uma exceção, “o monopólio do Estado sobre a violência é a exceção na história mundial, e não a regra.”<sup>3</sup> (SINGER, 2003, p.13, tradução nossa). Historicamente a perspectiva de que as guerras são travadas única e exclusivamente por forças militares públicas, isto é, representando uma causa comum atrelada a um Estado e uma nação, é um fenômeno relativamente recente, tanto que, foi a partir do século XVII que “o uso de exércitos oficiais, leais a nação como um todo e não aos governantes ou casas específicas que a lideravam, tomou conta da Europa”<sup>4</sup> (SINGER, 2003, p. 29, tradução nossa).

A Guerra de Trinta Anos, considerada por muitos estudiosos como o ponto de inflexão dessa conjuntura, foi um evento em que se observou ainda o emprego quase que majoritário de atores privados, em suma mercenários que atuavam em prol dos interesses da parte contratante. Essas unidades eram utilizadas em sua maioria para operações ofensivas localizadas em províncias estrangeiras, uma vez que os custos de manutenção dentro do território eram altos e implicavam um alto custo para as populações locais. O final da Guerra trouxe consigo a prevalência do conceito de soberania em detrimento da ideia de império, fator esse que, em 1648 levou ao estabelecimento da Paz de Vestfália, marco das relações internacionais e aparato solidificador da emergência do conceito de Estado e soberania, tal qual se percebe na atualidade (SINGER, 2003).

Somado a isso, a utilização dessas empresas militares na atualidade não tem se limitado somente a atores estatais, mas incorpora uma ampla rede de clientes que usufruem de seus serviços. Trata-se de atores não estatais, como Organizações Não Governamentais (ONGs), Organizações Internacionais, incluindo a ONU, corporações multinacionais, entre outros que veem nessas forças privadas um meio de assegurar determinados serviços como segurança interna, abrangendo segurança de locais, prevenção de crimes e serviços de inteligência (AVANT, 2008).

P. W. Singer (2013), em seu livro “Corporate Warriors: The Rise of the Privatized Military Industry”, elabora uma tipologia que identifica três categorias básicas para

---

<sup>3</sup> “the monopoly of the state over violence is the exception in world history, rather than the rule.”

<sup>4</sup> “the use of official armies, loyal to the nation as a whole and not to the rulers or specific houses that led it, took over Europe”



classificar essas EMP's, sendo elas as empresas de apoio militar, responsáveis por oferecer serviços de suporte, empresas de consultoria militar, cujo papel se baseia na oferta de serviços de consultoria e treinamento, e as empresas fornecedoras militares, contratadas com o objetivo de atuar diretamente em zonas de conflito por meio do emprego da força letal. Ressalta-se, no entanto que, partindo de uma perspectiva militar essa tipologia possui uma falha crítica, uma vez que, não distingue a contratação dessas empresas, principalmente no que se refere à utilização de força letal, entre um propósito defensivo ou ofensivo (ARNOLD, 2019).

Para tanto, Thomas D. Arnold (2019) sugere implementar uma divisão simples para solucionar essa problemática, dividindo a última categoria, isto é, aquela pertinente às empresas fornecedoras militares, em duas, sendo a primeira delas denominada como Empresas de Segurança Privada, referindo-se a empresas contratadas para servir um propósito defensivo, enquanto Empresas Militares Privadas abrangeria aquelas corporações contratadas para servir a um propósito ofensivo. Avant (2008), por sua vez, ao abordar a temática pertinente às Empresas de Segurança Privadas, propõe três amplas categorias de apoio de segurança externa, em que essas empresas atuam, sendo elas: apoio operacional, aconselhamento e treinamento militar, e apoio logístico. Somado a isso, Avant (2008) alega que os serviços prestados por essas corporações também incorporam uma ampla oferta de serviços de segurança interna, indo desde a proteção de locais (armada e não armada), prevenções de crimes e serviços de inteligência.

O final da Guerra Fria contribuiu direta e indiretamente para uma transição do paradigma tradicional acerca dos conflitos e da guerra, isto é, a transição de um regime bipolar internacional para um sistema multipolar acarretou na substituição gradual dos conflitos regulares entre nações (interestatais) para conflitos irregulares intranacionais, caracterizados essencialmente por ameaças transnacionais, como o terrorismo internacional, crimes transnacionais, conflitos étnicos-religiosos (MOTA, 2020). Essa transição se deu, em parte, devido à ausência de arbitragem e suporte político-militar das grandes potências (EUA e URSS), fator esse que, fez com que diversos países, especialmente aqueles classificados como de terceiro mundo, convulsionassem em disputas políticas internas pelo poder a partir de reivindicações de determinados grupos étnicos, religiosos e políticos, almejando um maior protagonismo político, resultando assim na emergência de um surto de violência em diversas partes do mundo, em decorrência da instabilidade gerada pela ausência do protetorado e da arbitragem dessas potências (PIMENTEL, 2013).

É nesse contexto, portanto, que se observa o maior protagonismo das Empresas Militares Privadas (EMP) sendo essas, resultado de uma combinação de diferentes fatores e contextos que permitiram com que essas corporações se tornassem atores cada vez mais relevantes no cenário internacional. Essa relevância, por sua vez, pode ser atribuída, principalmente, pela forma com que essas empresas se organizam e captam recursos, de modo a ofertar uma alternativa mais barata às estruturas militares tradicionais, além de reduzir significativamente o custo político de muitas operações militares, em essencial quando analisada levando em consideração o peso da opinião pública.

Dessa forma, o que se observa é que, as EMP's permitiriam aos Estados nacionais uma maior mobilidade de tropas dentro de um sistema ad hoc, já que poderiam ser acionadas a qualquer momento e com menores custos pelo governo que contratasse seus serviços, permitindo que, mesmo aqueles países sem uma tradição ou poderio bélico, pudessem usufruir de uma capacidade militar significativa mediante o aporte de recursos financeiros. (PIMENTEL, 2013). Ademais, além da redução de custos, essas corporações poderiam ofertar serviços altamente especializados fornecendo uma alternativa viável aos Estados que não precisariam empregar altas quantias de recursos no desenvolvimento de novas tecnologias e no treinamento de soldados.

Nota-se, portanto, que o crescimento e popularização dessas EMP's, especialmente a partir da década de 1990, foi resultado de uma convergência de uma série de fatores, como a redução dos contingentes militares por parte dos Estados, o que veio a resultar em uma grande oferta de mão de obra, assim como um aumento na demanda por segurança, por parte não só dos Estados nacionais, mas também, grandes conglomerados de empresas transnacionais e ONG's (PIMENTEL, 2013). Somado a isso, a prevalência do paradigma neoliberal no plano ideológico e político veio a se constituir como um outro fator relevante que permitiu o florescimento de um amplo mercado de segurança privada, uma vez que diversos países passaram a se utilizar da terceirização de serviços públicos, principalmente, daqueles referentes à seara militar, como uma forma de reduzir os custos e garantir uma otimização dos processos até então referentes à competência estatal (SILVA, 2019). Essa otimização poderia ser percebida por meio de uma maior flexibilização dos recursos humanos necessários para determinada operação, além do incentivo ao desenvolvimento de economias de escala que permitiriam uma maior especialização dessas empresas em setores e atividades específicas.

Essa privatização de serviços na esfera de defesa e segurança, conseqüentemente, seria incentivada e sancionada pelos próprios governos nacionais e, até mesmo tolerada

nos casos em que o Estado não conseguisse exercer um controle completo de suas operações. Fator esse que viria a resultar em uma espécie de divisão do trabalho entre setor público e privado, em que o primeiro se responsabilizaria pelo monopólio simbólico do uso da força e das principais funções do combate e formulação estratégica, enquanto o segundo se ocuparia “daquelas atividades que demandam o uso intensivo de mão de obra (monitoramento, guardas patrimoniais, serviços de logística e apoio administrativo, manutenção de armamentos, etc.)” (PIMENTEL, 2013, p.177).

A suposta divisão das competências até então tradicionalmente voltadas para a esfera estatal estaria atrelada a uma suposta erosão da autoridade do Estado em matéria da monopolização legítima da violência (PIMENTEL, 2013). Sendo assim, possibilitou com que essas corporações passassem a exercer cada vez mais influência no cenário internacional, fator esse que contribuiu para colocar em discussão novamente a perspectiva o que seria de competência pública e privada no âmbito do uso da força e elevaria essas corporações a um papel fundamental no jogo político global.

### 1.1 ASCENSÃO DAS EMPRESAS MILITARES PRIVADAS NA RÚSSIA

No que diz respeito ao caso russo, o declínio e dissolução da União Soviética levou a um processo de reorganização do aparato militar do país, levando a uma forte onda de privatização que abrangeu, além de outros setores, a esfera de segurança, incorporando diversos veteranos de guerra, ex-membros do KGB e de serviços de inteligência. Dentre eles, cabe aqui destacar uma das unidades mais proeminentes das forças especiais (spetsnaz) da KGB, o Grupo Alpha e a Vypmel, unidades contra terroristas e contraespionagem cuja origem podem ser traçadas até a Segunda Guerra Mundial (RONDEAUX, 2019).

Alpha e Vypmel (também conhecido como Grupo Vega) foram formados sob os auspícios do regime de treinamento de Cursos de Desenvolvimento para Pessoal de Oficiais da KGB, conhecido pela sigla KUOS - mais tarde conhecido como KGB Higher Red Banner Training Academy ou Escola Superior, o KGB e mais tarde o FSB equivalente a um corpo de treinamento oficial (RONDEAUX, 2019, p.24, tradução nossa)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup>“Alpha and Vypmel (also known as Vega Group) were formed under the auspices of the KGB Development Courses for Officer Personnel training regime, known by its acronym KUOS —later known as the KGB Higher Red Banner Training Academy or Higher School, the KGB and later FSB equivalent of an officers training corps.”

Durante os anos de Governo de Yeltsin é que se pode observar uma crescente onda de redução dos contingentes militares pertencentes à antiga URSS. O fim da Guerra Fria trouxe consigo uma série de mudanças paradigmáticas a respeito de uma alteração no foco doutrinário dessas tropas, indo de uma preparação para uma possível guerra com a OTAN, para a contenção de instabilidades decorrentes de repúblicas separatistas da União Soviética (RONDEAUX, 2019). Essa conjuntura fez com que diversos membros dessas forças especiais, com destaque aqui para as unidades Alpha e Vypmel, optassem por consolidar suas próprias empresas de segurança privada em meados da década de 1990, dando início a uma onda de privatização desses serviços (RONDEAUX, 2019). Ainda de acordo com o autor:

Não existe uma lista completa conhecida das várias corporações da linha de empresas privadas de segurança provenientes da Alpha e Vypmel, mas em 1998 uma estimativa oficial do governo russo colocou o número total de empresas de segurança privada operando na Rússia em cerca de 5.000. Dado o número de empresas que não estavam registradas e muitas vezes incubadas em clubes esportivos de todo o país, o total foi provavelmente mais alto. Esses clubes anteriores continuariam a figurar com destaque na evolução da indústria de segurança privada da Rússia, servindo como nós importantes para recrutamento, treinamento e outras tarefas de gestão organizacional. (RONDEAUX, 2019, p. 26, tradução nossa)<sup>6</sup>

Somado a isso, alguns anos após a dissolução da URSS observou-se uma série de decretos e decisões provenientes de Yeltsin que possibilitou a grandes empresas estatais de determinados setores estratégicos para o país, como a Gazprom e Transneft, poderem estabelecer e consolidar seu próprio “exército” privado para assegurar a proteção de infraestruturas e outros locais de importância (RONDEAUX, 2019). Essa onda resultou na incorporação dos veteranos e ex-membros de serviços especiais, como da KGB, nas divisões de segurança especializadas dessas corporações, fator esse que atribuiu ainda mais autonomia e proeminência para o setor privado de segurança que vinha se consolidando no país (RONDEAUX, 2019).

Com a ascensão de Putin, observa-se a partir de 2005 – 2007 uma retomada nessa onda de privatização, concedendo ainda mais porções da economia russa ao entregar os

---

<sup>6</sup> “There is no known complete list of various companies that come from the Alpha and Vypmel line of private security companies, but by 1998 an official Russian government estimate placed the total number of private security companies operating in Russia at around 5,000. Given the number of firms that were unregistered and often incubated in sports clubs across the country, the total was likely higher. These antecedent clubs would continue to figure prominently in the evolution of Russia’s private security industry, serving as important nodes for recruitment, training and other organizational management tasks.”

domínios de grandes indústrias exportadoras para aliados e ex-membros da KGB/FSB, além de políticos e membros da oligarquia com vínculos aos órgãos de segurança estatal (RONDEAUX, 2019). Essa conjuntura, somada a herança deixada por Primakov a respeito da importância em manter boas relações e padrões de cooperação com países do Oriente Médio, levou a uma expansão e retomada do comércio estratégico de armas e energia nessa região, com destaque para a Síria, fator esse que resultou no crescimento dessa indústria, beneficiando diretamente empresas como a Gazprom, Tatneft, StroyTransGaz, Zarubezhneft, Rosneft e Surgutneftgaz, que, coincidentemente, são gerenciadas por aliados próximos a Putin (RONDEAUX, 2019).

Essa mesma época trouxe consigo uma onda de crescimento da indústria de segurança privada, principalmente a partir dos anos 2000, em que, a dependência russa do comércio de armamentos e energia resultou na crescente necessidade de prover serviços de segurança em determinados setores julgados como estratégicos para a manutenção da influência russa nesses locais, além dessas corporações atuarem diretamente no comércio de armamentos e treinamento de tropas aliadas ao governo de Putin (RONDEAUX, 2019). Essa perspectiva pode ser melhor observada no caso sírio, uma vez que, durante a era Putin, a Rússia foi responsável por prover quase que a metade de todas as importações de armas da Síria, tendência essa que foi de extrema significância para a decisão de Putin em fornecer auxílio ao regime de Assad em 2015 (RONDEAUX, 2019).

Esse auxílio, por sua vez, de acordo com Ruslan Pukhov, diretor de Centro de Análises de Estratégias e Tecnologias (CAST)<sup>7</sup>, teve grande parte de seu sucesso atrelado ao envio de EMPs russas no conflito da Síria, uma vez que, possibilitou a Rússia, evitar o envio exacerbado de suas forças armadas além de, preparar e treinar as forças sírias e se desviar de grande parte da reação pública negativa em decorrência das casualidades do conflito (NIKOLSKIY, 2017 apud SUKHANKIN, 2019).

Essas ações complementam na maioria das vezes, ou até mesmo substituem, as formas convencionais de guerra com a qual estamos acostumados, permitindo que outros atores, fora os estatais, possam atuar na esfera do conflito e desempenhar funções até então entendidas como exclusivas às forças armadas de determinado país sem, no entanto, atribuir diretamente a culpabilidade de determinadas ações ao Estado (JONES et al., 2021). O próprio Putin, em 2012, enquanto atuava como primeiro-ministro, declarou que

---

<sup>7</sup> Center for Analysis of Strategies and Technologies (CAST)

“tais empresas são uma forma de implementar os interesses nacionais sem o envolvimento direto do Estado”<sup>8</sup> (SUKHANKIN, 2019).

Assim a utilização desses atores, na maioria das vezes se dá devido à dificuldade de associar diretamente determinadas ações e conduta ao Estado, permitindo uma maior flexibilidade para atuar em zonas de risco sem, no entanto, resultarem nas mesmas consequências que o envio de tropas regulares resultaria, por exemplo. Somado a isso, as EMPs se mostram como uma alternativa menos custosa politicamente para a expansão da influência russa, tanto para uma audiência internacional quanto também doméstica, uma vez que as casualidades de contratantes não possuem a mesma repercussão negativa do que a morte de membros das forças armadas para a população do país. De acordo com uma pesquisa de opinião pública russa, cerca de 50% da população do país entrevistada apoiava o crescente envolvimento da Rússia na Síria, mas, apenas 19% apoiava o envio de soldados russos para o local (JONES et al., 2021).

Esse fator mencionado acima, demonstra a relativa dissociação proporcionada pelo uso dessas empresas, já que, embora na maioria das vezes sejam utilizadas em conjunto a forças armadas do país e empregadas de modo a desempenhar um mesmo objetivo em comum, o que se observa é uma separação no ideacionário popular a respeito da percepção de culpabilidade. De modo geral, tenta-se demonstrar que as repercussões negativas decorrentes do emprego desses atores em determinado contexto se distinguem profundamente daquelas decorrentes da utilização das forças públicas, fator esse que, se torna um incentivo para sua utilização uma vez que, além de dificultar uma associação negativa direta decorrente de ações consideradas como ilegais, também desempenha funções complementares de auxílio a tropas aliadas, prestando serviços que variam desde sua utilização em funções de combate como também em aspectos de logísticas.

A utilização dessas corporações pelo Kremlin adere a uma lógica que se baseia, na maior parte, no emprego desses atores privados em países considerados periféricos e que, o emprego de forças convencionais em grande escala poderia representar um risco político desproporcional aos possíveis lucros (JONES et al., 2021). Somado a isso, no que se refere à percepção de que essas empresas atuam em determinada medida como uma forma de fortalecer as relações com países e líderes aliados, essa perspectiva é visualizada ao observar o emprego de empresas russas como a Moran Security Group, Slavic Corps, Wagner Group, E.N.O.T e Patriot na Síria ao auxiliar as tropas do país na retomada de

---

<sup>8</sup> “such companies are a way of implementing national interests without the direct involvement of the state.”

território de grupos rebeldes. Outro exemplo disso pode ser visto também na Ucrânia, em que E.N.O.T e o Wagner Group contribuíram com sua expertise para o treinamento e o aprimoramento das capacidades de grupos rebeldes em áreas de Donbas (JONES et al., 2021).

Nota-se, portanto, que as funções desempenhadas por esses atores privados vão muito mais além do que seu simples emprego em combate, pois auxiliam na expansão e fortalecimento dos interesses nacionais russos em locais cujo Estado procura assegurar determinados interesses que, outrora, não seria possível ou ao menos viável política e economicamente serem realizados única e exclusivamente por forças públicas. Outro ponto a ser destacado é que essas empresas na maioria das vezes podem também desempenhar outras funções que fogem completamente da esfera militar. Muitas das organizações midiáticas associadas a essas empresas atuam em conjunto a determinadas operações de modo a realizarem campanhas promovendo mensagens e narrativas pró Rússia, a fim de, angariar o apoio popular para a causa e também recrutar novos membros, expandindo a influência russa e promovendo uma aproximação ideológica com membros da identidade eslava (JONES et al., 2021).

Somado a isso, a utilização de EMP's por parte da Rússia não se limita somente a garantir os interesses estatais, mas, contribuem para consolidar o poder doméstico de Putin, uma vez que permite com que os interesses econômicos de oligarcas, empresários e até mesmo políticos aliados a Putin, muitas vezes com vínculos a essas corporações, como é o caso de Yevgeny Prigozhin, possam ser assegurados. Assim, assegura a esses indivíduos meios de expandir o comércio e sua influência econômica através de novas fontes de renda, tais como concessões de “petróleo e gás natural na Síria; ouro, urânio, armas e diamantes na República Central Africana; petróleo, ouro e armas na Venezuela; e armas, projetos de infraestrutura e hidrocarbonetos no Líbia”<sup>9</sup>(JONES et al., 2021, p.17, tradução nossa).

A figura de Prigozhin se tornou emblemática nos últimos anos, principalmente em decorrência de seu suposto vínculo com o Wagner Group. A narrativa de que o Prigozhin seria um insider de confiança do Kremlin pode até fazer sentido em alguns aspectos, mas, não contempla as obscuras redes de relações que se estendem além de sua figura. Isto é, a história de um antigo vendedor de cachorros quentes que, posteriormente passaria a fornecer alimentos para o Estado, inclusive adquirindo a alcunha de “chefe de Putin”, soa

---

<sup>9</sup> “oil and gas in Syria; gold, uranium, arms, and diamonds in the CAR; oil, gold, and arms in Venezuela; and arms, infrastructure projects, and hydrocarbons in Libya.”

estranho quando se observa que este viria a desempenhar funções de liderança no orquestramento de diversas ações desempenhadas pela Wagner Group, coordenando milhares de homens armados em operações como na Ucrânia e Síria (RONDEAUX, 2019).

A genealogia da Wagner Group e de outras EMP's afiliadas são permeadas por certas semelhanças, principalmente, uma vez que, estima-se que são provenientes do grupo antiterrorista Orel Group. Esta origem pode ser traçada diretamente através de uma rede complexa de empresas estatais e antigos membros das forças armadas e agências estatais de segurança, como a KGB e FSB, que passaram a angariar cada vez mais influência e poder a partir do período que Putin assumiu o governo (RONDEAUX, 2019). O Orel Group em sua essência poderia ser definido como uma “confederação de pequenos quadros de veteranos da inteligência militar e operadores *spetsnaz* especiais e da reserva.”<sup>10</sup> (RONDEAUX, 2019, p. 33, tradução nossa).

Liderada por Sergey Isakov e Epishkin, um veterano da Vypmel, a organização Orel Group teve seu início em meados da década de 1990 com operações de remoção de minas e proteção de infraestruturas de energia no Iraque. Somado a isso, Epishkin é listado pelo registro de empresas russas como um dos donos e diretores de outras cinco empresas que explicitamente fazem referência a ramos das forças especiais *spetsnaz* (RONDEAUX, 2019). Acredita-se que, organizações de veteranos ligadas a Orel Group tenham servido como onexo central de ligação entre diversas iniciativas de segurança privadas, agindo como um parâmetro de referência e networking para o surgimento dessas empresas militares, muitas das quais, de acordo com o registro de empresas russas, em algum momento foram registradas no nome de Epishkin e aparentam fazer referência a uma conexão com FSB Alpha e outras unidades *spetsnaz* (RONDEAUX, 2019).

Ademais, essa relação não se limita aos fatos expostos acima, mas, pode ser observada também, uma vez que, membros de corporações derivadas da Orel Group, como a Antiterror-Redut e o TigrTop, atuaram também em operações no Afeganistão em 2004 – 2006, como também participaram em conjunto a Slavonic Corps e o Wagner Group na Ucrânia e Síria (RONDEAUX, 2019). Essa conjuntura revela um cenário semelhante àquele que já ocorre com outras corporações militares privadas no mundo, a exemplo da Blackwater e Executive Outcomes em que os líderes dessas corporações aderem à prática de rebranding e registro de novas companhias para se desvencilharem

---

<sup>10</sup> “confederation of small cadres of military intelligence veterans and retired and reserve *spetsnaz* special operators”



de controvérsias decorrentes de críticas a determinadas operações e/ou eventuais crimes que seus membros podem ter participado e que, por ventura estão vinculados ao nome da antiga corporação (RONDEAUX, 2019). Desse modo, observa-se que embora não se trate da mesma empresa no papel, seu modelo de operação e membros que a compõem podem ser vinculados a um mesmo padrão.

A incidência da Primavera Árabe, por sua vez, contribuiu para expor também a relação dessas EMP's, principalmente, no que diz respeito à defesa dos interesses nacionais e econômicos russos, isto é, a queda de líderes chaves de países no Oriente Médio, em especial naqueles que se mostravam como aliados do governo russo colocou em risco a parcela russa do mercado de armas e energia nesses locais, levando Putin a buscar meios de remediar as consequência negativas e assegurar a segurança de pontos de interesse e de aliados. Um exemplo emblemático disso pode ser visto no caso da Líbia em 2011, uma vez que, a queda desses líderes ameaçou as operações de grandes players como a STG, Tatneft e Rostec, estatais russas que haviam investido bilhões de dólares na região. Desse modo, foi necessário utilizar atores privados de segurança para assegurar “ativos russos, prover segurança pessoal para os VIPs e assegurar uma transferência segura de armas.”<sup>11</sup> (RONDEAUX, 2019, p. 47, tradução nossa)

Somado a isso, a instabilidade na região também atuou de tal modo a beneficiar certas estatais russas, como a Rosboronexporto braço de exportação da Rostec, um conglomerado estatal russo de defesa, que fornece grande parte dos acordos militares e técnicos estrangeiros da Rússia. Isto se deu devido à atitude dos Estados Unidos em “congelar os mercados globais da Síria e Líbia, além de, temporariamente cortar o fornecimento de auxílio militar para o Egito, criando um espaço para que a Rússia aumente sua influência”<sup>12</sup> (RONDEAUX, 2019, p. 48). Essa atitude por parte do governo estadunidense, objetivando aumentar as instabilidades nesses países, contribuiu para que a demanda por armamentos aumentasse, fator esse que, em última medida levou à aproximação da esfera de influência russa, resultando também no fortalecimento dessas empresas exportadoras de armamentos e assegurando uma boa relação com os líderes desses países que, viram na figura de Putin um aliado e salvador. (RONDEAUX, 2019)

Essa conjuntura teve a participação do CEO da Rostec e o antigo colega de KGB de Putin, Sergey Chemezov, que, exerceram um papel central na consolidação do

---

<sup>11</sup> “Russian assets, provide personal protection to VIPs and ensure the secure transfer of weapons.”

<sup>12</sup> “freeze Syria and Libya out of global markets and temporarily turned off the tap on military aid to Egypt, creating space for Russia to increase its influence.”

complexo industrial militar russo sobre o nome da Rostec, em 2007. A estratégia adotada nesse contexto se baseava em grande parte no fornecimento de armas para novos mercados, em essencial aqueles que haviam sido sancionados pelo governo norte-americano, fornecendo assim uma alternativa a esses governos e, principalmente, contribuindo para a expansão da influência russa nesses locais vistos como estratégicos, a exemplo da Síria, que se destaca como um dos maiores recipientes dessas exportações, além de ser um ponto estratégico para a Rússia desde os tempos da URSS. Desse modo, essa estratégia acabou se mostrando extremamente benéfica, uma vez que, desde a década de implementação dessas táticas o que se observou foi um aumento significativo no volume total de exportação através da Rosboronexport, passando de 6 bilhões em 2007, ano de implementação, para cerca de 13,4 bilhões de dólares em 2017 (RONDEAUX, 2019).

A fundação da Wagner está atrelada a diversos mistérios e dúvidas a respeito de quem teria sido seu fundador e líder. A teoria mais aceita academicamente se volta principalmente, para a figura de Dmitry Utkin um ex-coronel da agência de inteligência do exército russo que, aparentemente, havia fundado o grupo em 2013. No entanto, em 26 de setembro de 2022, Yevgeny Prigozhin declarou que havia sido ele o responsável por fundar a Wagner Group com o objetivo de fornecer suporte e apoio ao aparato militar do Estado russo (MAUCERI, 2023). Essa divergência de fatos e narrativas apenas contribui para aumentar os mistérios a respeito de quem realmente está por trás do famoso grupo que, cada vez mais tem ganhado notoriedade por suas ações na África, Oriente Médio, leste europeu e outros locais e, com a recente e misteriosa morte de Prigozhin em 2023, aumenta ainda mais a cortina de fumaça a respeito das operações e funcionamento dessa corporação.

No relatório publicado em agosto de 2023 pelo *Congressional Research Service*, nota-se uma análise sucinta a respeito da utilização dessas Empresas Militares Privadas por parte da Rússia como uma forma de projetar o poder nacional globalmente. Para tanto, estabelece que esses atores, embora variem de tamanho e escopo de atuação, atuariam tal como uma ferramenta não oficial de política externa russa. Essas empresas, em especial a Wagner Group, estariam interligadas a diversos objetivos de política externa do país, além de incorporar também outros objetivos de natureza econômica, como a garantia de concessões para a exploração de determinados recursos nesses locais, em troca de auxílio, seja este direto ou indireto, no combate a tropas inimigas e no treinamento de forças aliadas (CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE, 2023)

Ademais, as ações dessas PMC's, como a Wagner, no caso ucraniano e, posteriormente na Síria, durante os anos de 2015 a 2018, somado a outras operações, essencialmente concentradas em países fragilizados da África, demonstram um processo gradual em que essas EMPs viriam a complementar aspectos militares como componente da política externa russa. O crescimento dessas firmas, apoiado e, muitas vezes patrocinado por autoridades russas, direta ou indiretamente, fomenta um cenário conivente com a perpetuação de elementos característicos daquilo que se considera como guerra híbrida, além de, atuar como uma poderosa ferramenta para que o empresariado russo possa atingir seus objetivos geoeconômicos (MIRANDA et al., 2019).

Ressalta-se, no entanto, que a utilização dessas EMP's não se limita somente ao caso da Rússia, mas se difunde como uma prática internacional na qual muitos Estados e até mesmo organizações internacionais, utilizam-se desse recurso como uma alternativa mais barata do que a constituição e manutenção de um amplo e robusto aparato militar próprio, podendo concentrar o investimento e financiamento em áreas estratégicas chaves. (PIMENTEL, 2013). Assim, como mencionado anteriormente, essas empresas se apresentariam como uma “alternativa para a efetivação de políticas externas com custos financeiros e políticos reduzidos” (PIMENTEL, 2013) e não se limitaria somente a um ator, mas devido à falta de legislação internacional para sua regulação, seria uma problemática persistente e difundida em vários níveis do sistema internacional.

Essa conjuntura expõe uma problemática intrínseca à utilização desses atores, uma vez que, a falta de responsabilidade, e de mecanismos legais estabelecidos de modo a atribuir uma culpabilidade a um determinado ator se mostra cada vez mais permeada de empecilhos, devido ao caráter de atuação dessas corporações em zonas cinzentas da legislação internacional. Somado a isso, a dificuldade de implicar e estabelecer muitas vezes uma relação direta entre o Estado contratante e a empresa contratada torna-se outro empecilho aos mecanismos de responsabilidade legal para determinados Estados, fator esse que se torna um incentivador da utilização desses atores, uma vez que, como abordado nos parágrafos anteriores, contribui para a preferência por esses atores para a realização de determinadas operações em detrimento das forças armadas nacionais, já que estas, estariam atreladas a maiores custos políticos e econômicos.

Sendo assim, o próximo capítulo se voltará para a realização de uma análise histórica, abrangendo desde o fim da União Soviética, os governos de Yeltsin até a ascensão de Putin ao governo. Somado a isso, se busca compreender melhor os fatores históricos, políticos e econômicos que vieram a influenciar nessa perspectiva. Desse

modo, se objetiva compreender como esses elementos poderiam ter contribuído para a constituição e utilização desses atores.

## 2 ANÁLISE HISTÓRICA – DO FIM DA URSS ATÉ PUTIN

O colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS) em meados da década de 1990 foi permeado por diversos fatores que abrangeram desde aspectos geográficos, políticos, econômicos, militares e identitários (TOMÉ, 2018). Fato é que o cenário em que o bloco socialista se encontrava nos finais da década de 1970 já anunciava uma possível crise de consequências avassaladoras para a sociedade soviética, em grande parte, em decorrência da diminuição de sua capacidade econômica, conjuntura essa que, no início dos anos 1980 veio a se aproximar de uma quase que total estagnação de sua economia (RODRIGUES, 2006).

Essa perspectiva levou o bloco a perder cada vez mais sua capacidade de competir economicamente com outros países ocidentais, em especial aos EUA, além de, contribuir para a intensificação de conflitos sociais nos países que o compunham, dando origem a mobilizações sociais que, vieram a desafiar o poder monolítico do partido comunista nesses locais e, conseqüentemente, contribuindo para a emergência de um sentimento de urgência referente à necessidade de estabelecer medidas que fossem capazes de mitigar os efeitos da crise e evitar um colapso total do sistema e sociedade soviética (RODRIGUES, 2006).

Somado a isso, a grande dependência econômica da URSS da exportação de recursos naturais como petróleo, gás natural e matéria prima, estes que na década de 1980 representavam 90% de suas exportações, veio a se constituir como um dos fatores que, em conjunto com o atraso tecnológico e métodos de trabalhos ultrapassados, fortemente atrelados ao padrão fordista, contribuíram para tornar o país cada vez mais vulnerável e incapaz de competir internacionalmente com novos modelos de produções mais eficientes (DUARTE; FIGUEIREDO, 2017).

Ademais, ressalta-se também que o ambiente hostil internacional, decorrente da polarização do mundo em esferas de influência condicionou o bloco soviético a se tornar uma nação em constante estado de sítio, em que suas preocupações giravam, principalmente, em torno da necessidade de suprir as carências decorrentes dos elevados gastos nacionais com defesa, condicionando sua economia no que diz respeito as importações e questões de segurança nacional de modo a atender essas demandas de defesa (DUARTE; FIGUEIREDO, 2017, apud CASTELLS, 1999, p. 36). Assim, nota-se a predominância dos investimentos no país em torno desse setor de defesa, priorizando a constituição de um forte aparato militar e a produção de bens destinados a esse fim, fator

esse que, conseqüentemente, contribuiu para a precarização de outros setores da sociedade, em especial aqueles destinados à fomentação da economia soviética.

Dessa forma, com a morte de Brejnev, em 1983, e os breves governos de I. Andropov e K. Tchernenko, ambos com duração inferior a um ano, o Comitê Central do Partido Comunista veio a eleger em março de 1985 um novo secretário-geral, Mikhail S. Gorbachev, que, por sua vez, ficou conhecido pela implementação da *perestroika*, uma série de reformas que, em última instância, “expressavam um consenso, formado entre todos os setores do alto escalão da burocracia soviética sobre a gravidade da situação que exigia mudanças urgentes” (RODRIGUES, 2006, p.204). Ressalta-se, no entanto, que, uma série de fatores vieram a desempenhar um papel fundamental nesse processo, entre eles as transformações de cunho econômico, tecnológico, político, social e comportamental que vinham ocorrendo no mundo e que, por conseguinte, vieram a exercer certa pressão sobre a população da URSS (RODRIGUES, 2006)

Nota-se, portanto, que as reformas propostas pela *perestroika* tinham como objetivo reverter a contínua desaceleração do crescimento econômico, modernizar seu aparato produtivo, seu sistema de gestão e reduzir os grandes fardos relativos aos gastos com defesa que, conseqüentemente, “sufocavam a economia da URSS e impediam a modernização do conjunto do mecanismo produtivo e o atendimento das demandas sociais [...]” (RODRIGUES, 2006, p.217).

Essa conjuntura, posteriormente, se somou a uma série de reformas políticas que ficaram conhecidas como *glasnost* e que, se apresentaram como um requisito condicionador para o sucesso da *perestroika*. Representava, portanto, em última medida, uma resposta às pressões, tanto internas quanto também externas, para uma maior abertura e mudanças no regime político (RODRIGUES, 2006).

Hobsbawm (2008, apud DUARTE; FIGUEIREDO, 2017) ao abordar essas reformas, explicita que, na perspectiva de seus reformadores, a *glasnost* se propusera como um programa muito mais específico que a *perestroika*, significando uma introdução, ou reintrodução, de um estado constitucional baseado na lei e no gozo de liberdades civis. Esse fato implicou na separação de partido e estado, e conseqüentemente aludiria ao fim do sistema unipartidário e da predominância do partido comunista. Assim, as reformas propostas por Gorbachev que, almejavam reativar a antiga chama soviética e levar o país para uma nova fase de glórias, acabou por resultar nos mecanismos que contribuíram para o seu colapso no final de 1991.

## 2.1 O GOVERNO DE YELTSIN

Nesse período observa-se a ascensão da ala de reformistas radicais liderados por Yeltsin, dispostos a intensificar e propor cada vez mais medidas em consonância com o mundo capitalista e os ditames do Fundo Monetário Internacional (DUARTE; FIGUEIREDO, 2017). Ademais, essa conjuntura procedeu no ensejo de outros países que compunham o bloco em replicar com igual intensidade nas federações essas ideias, resultando, em última medida, no surgimento de novos estados independentes, fator esse que, somado à autodissolução do Comitê Central e à extinção da KGB veio a acarretar no colapso total da antiga União Soviética e a fundação da Comunidade de Estados Independentes (CEI) (DUARTE; FIGUEIREDO, 2017).

Com o colapso da URSS, foi possível observar também o fim de um longo período de conflito bipolar mundial, e os países que antes compunham o bloco, com destaque para a Rússia, entraram em um processo de transformações cujo objetivo principal viria a ser o estabelecimento de um novo sistema político e econômico (WIIRA, 2021). Ressalta-se que uma das principais características desse processo de transformação tenha sido a transição de uma economia centralmente planejada para uma economia de mercado, fator esse que, aliado a ausência de uma poupança privada, a carência de uma cultura empresarial, construída com base em princípios de mercado, e ao surgimento de novas empresas, desprovidas de qualquer instrumento regulatório, tornaram-se empecilhos que vieram a dificultar e tumultuar o governo de Yeltsin (WIIRA, 2021).

Somado a conjuntura anterior, destaca-se também que, com o colapso do sistema soviético de comando e o momento de “caos” administrativo que viera a caracterizar em especial o início da década de 1990, as empresas que residiam no território vieram a se encontrar em uma posição de incerteza. Desse modo, com exceção das poucas empresas que foram oficialmente privatizadas antes de 1991, na prática todas as outras empresas ainda pertenciam ao Estado, mesmo que este não tivesse mais a capacidade de administrá-las (WIIRA, 2021).

Assim, foi somente em julho de 1992 que surgiu o primeiro plano de privatização devidamente elaborado e aplicado, apoiando-se em dois elementos fundamentais: a universalidade da propriedade herdada do sistema prévio e o elemento político, isto é, a

resistência de diversos grupos de interesse, em que se observava de um lado os diretores de empresa e políticos, enquanto que do outro, estaria a população e seu desprezo pela propriedade privada (WIIRA, 2021).

A segunda etapa da privatização, a partir de 1994, se caracteriza a partir do que veio a ficar conhecido como “privatização por empréstimo com garantia de ações” ou “empréstimos por ações”, isto é, o governo passaria a autorizar leilões para “repassar a gestão das ações detidas pelo Estado das maiores e mais estratégicas empresas russas em troca de empréstimos.” (WIIRA, 2021, p. 95). Essa conjuntura, no entanto, permitiu a consolidação da oligarquia russa, que se tornou cada vez mais influente no contexto político e econômico, uma vez que, passou a ter controle de setores estratégicos do Estado, além de desempenhar um controle expressivo sobre a mídia, fator esse que contribuiu para influenciar diretamente as eleições, interferindo e moldando a opinião pública a fim de afastar a “ameaça” do retorno do comunismo que, naquele momento, se tornava cada vez mais uma possibilidade (WIIRA, 2021).

Conseqüentemente, o que pôde se observar com as eleições de 1996 foi a vitória de Yeltsin em meio a uma disputa bastante acirrada e que, viera a concretizar e dar ainda mais poder aos oligarcas como um todo (WIIRA, 2021). Portanto, em seu segundo mandato, nota-se a emergência de um grupo de oligarcas próximo ao Kremlin que, aproveitando-se da fraqueza do governo de Yeltzin, criou-se uma rede forte de apoio de modo a manter o poder e sustentar as reformas necessárias. Dessa forma, em face a essa necessidade, observou-se o empoderamento desses oligarcas, fator esse que, “deu espaço para que seus interesses fossem de certa forma impostos ao presidente e ao círculo governante.” (WIIRA, 2021, p. 98).

É nesse contexto, portanto, que se observa a ascensão de um nome que veio a se consolidar nesse período, sendo referenciado por muitos, inclusive o atual presidente russo Vladimir Putin, como um dos fundadores da atual conceituação da política externa da Rússia pós-soviética, Evguêni Primakov (ZHEBIT, 2018). Nos primórdios de sua democratização, o Estado russo, em grande parte devido a suas instabilidades econômicas, sociais e territoriais demonstrou certa fraqueza, quando analisada com base na sua inserção internacional no período da pós-Guerra-Fria, de modo que o país cedeu às demandas ocidentais a fim de se adequar à nova ordem mundial unipolar, liderada pela superpotência remanescente.

Desse modo, o que se observa é que, antes da nomeação de Primakov como chanceler havia uma predominância da doutrina externa de Mikhail Gorbachev,



perpetuada até então por Andrei Kozyrev, primeiro chanceler dos governos de Yeltsin, em que o país se viu obrigado a aderir as instituições internacionais neoliberais, de modo a demonstrar “uma solidariedade inequívoca com o Ocidente.” (ZHEBIT, p. 423 2018). O advento de Primakov, por sua vez, atuando a princípio como chefe da inteligência, depois, como ministro das Relações Exteriores e, em seguida, primeiro-ministro, contribuiu para uma melhor definição dos parâmetros que viriam a consolidar e definir a doutrina externa do estado russo ao longo das próximas décadas.

Desde os primórdios de sua carreira como jornalista e, posteriormente nos setores públicos, Primakov acreditava na importância geopolítica do Oriente Médio para a capacidade russa de exercer influência e assegurar seu status de grande potência (RONDEAUX, 2019). O envio de tropas russas, equipamentos, armas e auxílio técnico e militar russo para países julgados como estratégicos para a Rússia, com destaque para a Síria, se tornou um ponto central da influência de Primakov na política externa soviética e, após o fim da Guerra Fria, durante o governo de Putin, para o Estado russo. Estima-se que, de 1956 a 1990 a União Soviética tenha providenciado cerca de 26 bilhões de dólares em assistência técnica e militar para a Síria, auxiliando também em outros aspectos importantes para a manutenção de boas relações e assegurando acesso a recursos importantes e aliados na região (RONDEAUX, 2019).

Com o fim da Guerra Fria e a ascensão de Yeltsin no governo, o que pode se observar foi uma diminuição na importância atribuída aos países do Oriente Médio em detrimento da busca de melhores relações com países do Ocidente, em especial com os Estados Unidos, Europa e Israel, fator esse que veio a resultar em uma redução do envolvimento do país nesses locais. No entanto, mesmo com essa reorientação na década de 1990, nota-se que essa estratégia russa no Oriente Médio estabeleceu certos padrões de conduta que iriam permanecer mesmo após o período pós-soviético. Entre eles, destaca a importância das vendas de armas e assistência militar como um pilar central da economia do país o que, por sua vez, resultou na elaboração de uma infraestrutura e investimentos e meios de realizar tais operações e trocas comerciais de modo discreto, através de redes clandestinas capazes de dificultar a associação com o Estado russo e, conseqüentemente, evitar grandes represálias por parte do Ocidente (RONDEAUX, 2019).

Somado a isso, Primakov prezou por restaurar o país ao status de grande potência no contexto global, acreditando que, “sem a política externa ativa a Rússia não realizaria transformações internas de vulto, nem protegeria a sua integridade territorial.” (ZHEBIT,

2018, p. 425). Desse modo, propôs que o país deveria almejar a condução de uma política multivetorial, atuando em diversas esferas de influência, além de, atribuir como prioridade central da política externa a garantia de segurança da Rússia, principalmente no que se refere ao seu entorno geográfico, como também, na necessidade de restringir e limitar a expansão da OTAN em direção ao leste, ato este que seria percebido como inadmissível e que, também veio a se tornar uma das preocupações de Putin ao longo de seu governo (ZHEBIT, 2018).

A intervenção da OTAN nos conflitos separatistas de Kosovo no final da década de 1990 contribuiu para intensificar essa perspectiva de ameaça que o bloco poderia representar, uma vez que, ao optar por empregar a força contra a Sérvia, mesmo diante das tentativas russas de buscar uma solução política para o conflito, por meio da proposição de um acordo mútuo entre as partes, a OTAN passou a ser percebida não como uma “defensora da liberdade e dos direitos humanos, mas como uma ameaça externa à soberania de Estados.” (ZHEBIT, p. 435 2018). Dessa forma, a partir desse momento, observou-se o início de um ciclo de tensões e desconfiança por parte do estado russo que permanece até hoje e que justificaria, em parte, a postura assumida por Vladimir Putin ao longo das últimas décadas para com o bloco e sua expansão rumo aos países do leste europeu, principalmente, no que condiz ao caso da Ucrânia.

O fim do governo de Yeltsin e a chegada ao poder de Vladimir Putin, nesse contexto, se caracterizou por uma conjuntura de graves crises de ordem política, econômica e social, principalmente em decorrência das medidas tomadas por Yeltsin que, conforme exposto anteriormente, contribuiu para enfraquecer o poder internacional e doméstico do país, enquanto permitia o fortalecimento de uma oligarquia cada vez mais influente nas decisões políticas da época. Para Putin, a implosão da URSS deveria ser percebida como um desastre geopolítico, uma vez que provocou um desequilíbrio no poder internacional, permitindo que os Estados Unidos e OTAN pudessem promover suas agendas e interesses sem grandes repercussões (TOMÉ, 2018).

## 2.2 A ASCENSÃO DE PUTIN AO PODER

O início de Putin no poder, a princípio como um prefeito de São Petersburgo, no ano de 1980, e, posteriormente, como primeiro-ministro em 1999, foi marcado por uma grande aprovação popular, principalmente, devido ao caráter patriótico de suas declarações a respeito da Chechênia, ao defender uma invasão militar no local como

forma de combater os terroristas chechenos, mesmo em detrimento das advertências do governo norte-americano. Essa atitude de desafio aos EUA e assertividade em face da defesa daquilo que consideraria os interesses nacionais russos, fez com que o mesmo passasse a ser percebido por uma grande parcela da população como um símbolo do renascimento da Grande Nação Russa, concedendo a ele uma imensa popularidade e contribuindo para sua chegada ao posto principal do executivo do país posteriormente no mesmo ano (SPERANCETE, 2017).

O governo de Putin, principalmente em seus primórdios, se caracterizou majoritariamente por uma busca pela concentração de poderes e a consolidação do “Sistema Putin”, percebido por muitos, principalmente, pelo Ocidente como um regime autocrático, o qual visava à união da sociedade russa através dos valores tradicionais, como o patriotismo e a crença na grandeza da Rússia, vista pela necessidade de reerguer o país a sua “velha glória” (TOMÉ, 2018).

Ademais, somado a isso, sua chegada ao poder foi marcada também pelo estabelecimento de mecanismos de controle que permitisse o início de uma macro-reforma econômico-social, por meio da nacionalização dos setores energéticos e midiático, estímulos ao complexo industrial militar, aprovação de medidas visando aprimorar a qualidade de vida da população, além de articular uma grande coalizão política, a fim de assegurar relevante governabilidade do executivo e de perseguir ativamente qualquer pessoa ou grupo opositor a seu regime, incluindo até mesmo os membros da oligarquia (SAKWA, 2008 apud, SPERANCETE, 2017).

No que condiz ao âmbito internacional, os interesses de Putin e, consequentemente da Rússia sob seu governo, viriam a se amparar em alguns pontos-chaves que, embora tenha sofrido algumas alterações ao longo dos anos, contribuíram para influenciar a forma com que o país interagisse no campo da geopolítica. Esses interesses de modo geral incluíam a capacidade e necessidade de influenciar e gerenciar, mesmo que parcialmente, os interesses dos ex-membros da URSS, principalmente no que diz respeito à atuação e expansão da OTAN nessa esfera específica, além de atuar ativamente e em conjunto com outros países, principalmente os EUA, na criação de instituições mais favoráveis às limitações materiais e sociais do país (WEBER, 2020).

Tendo isso em mente, o desenvolvimento e utilização de Empresas Militares Privadas (EMP's) atuaria de tal modo que permitiria a Rússia se envolver mais ativamente na revisão da ordem internacional, por meio do apoio a Estados e líderes que buscassem uma alternativa às instituições multilaterais econômicas, políticas e de segurança

lideradas pelos Estados Unidos e Europa sem, no entanto, exceder as limitações do estado russo (WEBER, 2020). A dissolução da União Soviética resultou em uma forte onda de privatização de indústrias estatais e uma reorganização do aparato militar russo, fator esse que veio a contribuir para a ascensão dessas Empresas Militares Privadas a partir das décadas de 1980 e 1990 (RONDEAUX, 2019). A redução do contingente militar russo em cerca da metade a partir de 1990-1991 com o governo de Yeltsin resultou em uma ampla disponibilidade de profissionais e veteranos de guerra que passaram a ficar disponíveis no mercado.

Desse modo, nesse período, observa-se a criação de diversas empresas, provenientes de unidades do exército, como a Alpha e Vypel, compostas em grande parte por ex-membros do exército, KGB e outros profissionais altamente treinados que foram dispensados de suas funções devido às reestruturações do novo Estado. Essa perspectiva contribuiu para o surgimento de um mercado alternativo em que essas empresas passaram a desempenhar funções de segurança, principalmente para grandes bancos e até mesmo empresas estatais. Assim, observa-se a partir desse período o surgimento, diversificação e consolidação dessas EMP's russas que passaram a desempenhar cada vez mais funções ao longo do tempo, ganhando notoriedade e importância ao se colocarem como uma alternativa eficaz e econômica de proteção e segurança (RONDEAUX, 2019)

Desse modo, com Putin, e sua busca por reviver aspectos da doutrina de Primakov, observou-se a reestruturação de certos aspectos da política externa russa, principalmente no que condiz à importância do Oriente Médio e África para a projeção de poder do país no cenário global. Essa doutrina se amparava em alguns preceitos fundamentais, dentre eles destaca: o eurasianismo, realismo, idealismo e conservadorismo. Somado a isso é possível notar a autoria de Primakov no conceito de multipolaridade e na proposição de uma política multivetorial, com foco nos Estados Unidos, Europa, China, Japão, Índia e no Oriente Médio (ZHEBIT, 2019). Essa retomada da expansão do comércio estratégico com esses países, com destaque, para os setores de armamentos e energia contribuiu para intensificar o processo de crescimento da indústria de Empresas Militares Privadas no país, uma vez que se colocavam como uma alternativa menos custosa política e economicamente para assegurar os interesses russos nesses locais (RONDEAUX, 2019).

Nota-se que, ao oferecer uma ampla gama de serviços, contemplando desde a assessoria, treinamento militar e o envio direto de forças armadas, por meio das EMP's, a Rússia viria a desenvolver um método extremamente benéfico, no que condiz ao custo

benefício, a fim de influenciar e revisar essa ordem internacional. Isso se daria, através da oferta de alternativas que possam gradualmente minar a influência das instituições ocidentais e garantir a prevalência dos interesses russos em locais estratégicos (WEBER, 2020).

Assim, diferentemente do que ocorreu durante a União Soviética no qual os gastos destinados à defesa precisaram ser significativamente grandes, o que acabou resultando na limitação do orçamento destinados a outros setores, como o social (RODRIGUES, p.194, 2006), o maior protagonismo dessas Empresas Privadas permitiu com que a Rússia estendesse seu alcance militar por um custo significativamente menor, além de se distanciar das causalidades de combate e possibilitar a capacidade de negar qualquer envolvimento que possa acarretar em represálias da comunidade internacional (JONES et al., 2021).

Desse modo, as crescentes utilizações dessas empresas por parte do governo russo seguem uma lógica de redução de custos não só financeiro e humanos, mas também políticos, uma vez que sua utilização causa menos controvérsias e oposição por parte das opiniões públicas domésticas e internacionais (JONES et al., 2021).

Isso se dá devido ao caráter privado desses atores resultando em um cenário que grande parte da opinião pública possui dificuldade em relacionar a atuação dessas entidades com sua parte contratante. Somado a isso, a ausência de mecanismos institucionais robustos de accountability<sup>13</sup>, isto é, controle, transparência e fiscalização, perante o Estado e organismos internacionais contratantes, resulta em uma certa impunidade a condutas tidas como criminosas e violações de direitos humanos perpetradas pelos indivíduos membros dessas organizações. Constitui-se dessa maneira, uma área cinzenta em que, devido à falta de regulação, essas empresas e seus contratantes não são propriamente contabilizados por suas atitudes. (MOTA, 2020)

A utilização das corporações militares privadas por parte do governo russo, no entanto, precisa ser analisada e concebida com base em um framework mais amplo, analisando os aspectos normativos que permeiam essa temática, uma vez que o próprio código criminal do Estado em seu Artigo 359 expressamente proíbe o “Recrutamento, treinamento, financiamento ou qualquer outra provisão material de mercenários, e

---

<sup>13</sup> Na visão do International Federation of Accountants (IFAC) (2001) accountability se refere ao processo em que entidades e indivíduos pertencentes ao setor público são responsáveis por suas ações e decisões, incluindo como são regidos os recursos públicos e todos os aspectos relacionados aos desempenhos e aos resultados (SLU, p.79 e 80, 2011)

também de sua utilização em conflitos armados ou hostilidades, devendo ser punido pela privação da liberdade por um período de quatro a oito anos” (JONES et *al.*, 2021). Essa prerrogativa gera certos questionamentos e contradições ao analisar o constante uso e envolvimento dessas empresas com o Estado Russo e órgãos do governo como o Ministério da Defesa, principalmente nas últimas operações militares a partir de 2014 (JONES et *al.*, 2021).

Tal conjuntura, como muitos analistas sugerem, pode indicar uma estratégia por parte de Putin que, ao manter essas atividades na ilegalidade, pode obter maior controle sobre suas ações, uma vez que pode ameaçar seus membros com prisão a qualquer momento. Ademais, devido a sua suposta ilegalidade essas empresas sediadas em território russo estariam isentas de pagar impostos para o Estado, gerando assim um vácuo legal em que estas possuem a capacidade de não se registrarem como uma entidade russa, o que, por sua vez, tornaria um empecilho na associação de possíveis ações desses atores com o Estado (JONES et *al.*, 2021).

A partir dessa conjuntura, é possível observar algumas similaridades entre a Rússia atual, de Putin, e a União Soviética, principalmente, no que diz respeito ao espectro geopolítico, diferenciando-se, quanto aos instrumentos utilizados, mas, se assemelhando em seus objetivos finais. Fato é que, durante a liderança de Leonid Brezhnev's (1964 – 1982) a União Soviética empregou uma estratégia semelhante à utilizada pela Rússia na atualidade, isto é, a combinação de assistência militar e investimentos de longo prazo em países em desenvolvimento e fragilizados, a fim de, assegurar acesso a recursos estratégicos nesses locais (ARNOLD, 2019).

Atualmente, para o Kremlin providenciar estabilidade em e assegurar o fluxo de capital proveniente da exploração de recursos naturais estratégicos, como petróleo e gás natural, encontrados nesses países, se tornou um fator fundamental. No entanto, diferentemente da URSS que empregava majoritariamente seu contingente militar, a Rússia hoje se utiliza em grande parte da oferta de serviços dessas EMP's em troca de acesso e concessões econômicas em Estados fragilizados dotados de recursos naturais (ARNOLD, 2019).

Somado a isso, outro paralelo que se pode traçar a respeito da política externa russa contemporânea e aquela da URSS é o foco na prestação de assistência militar e técnica a esses países estratégicos. No caso soviético o envio de supostos conselheiros militares se tratava de um mero eufemismo para se referir a soldados uniformizados ou agentes de inteligência que trabalhavam em prol de promover os interesses russos nesses

países e, assegurar em troca dessa assistência o acesso a recursos chaves. Na contemporaneidade embora essa função também seja desempenhada pelas forças armadas, cada vez mais nota-se o aumento do papel desempenhado pelas Empresas Militares Privadas em ofertar seus serviços de consultoria e enviar voluntários e instrutores para esses países fragilizados (ARNOLD, 2019). Desse modo, “a utilização de PMC<sup>14</sup> fora dos canais diplomáticos e militares formais permite à Rússia construir relações hierárquicas com estados estrangeiros que podem ser formalizadas se forem bem-sucedidas e descartadas se não forem.”<sup>15</sup> (WEBER, 2020, s/p, tradução nossa)

É nesse contexto, portanto, que se pode observar a ascensão de Empresas Militares Privadas Russas, principalmente, o Grupo Wagner, antiga Slavonic Corps, que, em suma, demonstra-se e emerge como um ator fundamental, complementando certas capacidades militares do país em operações específicas, como é o caso da Ucrânia e Síria. Essa conjuntura, por sua vez, pode ser mais claramente observada quando colocada em conjunto com suas atuações em regiões de conflitos, normalmente agindo como uma espécie de extensão da política externa do país (JONES et al., 2021). Um exemplo claro disso pode ser visto na primeira grande introdução dessas empresas, após o fim da URSS, por parte do Estado russo, na anexação da Crimeia, em 2014. Nos estágios iniciais dessa operação, o Wagner Group e outras empresas atuaram apenas em papéis auxiliares, intensificando e agregando poder às Forças de Operações Especiais Russas (SOF – sigla em inglês), no entanto, conforme o conflito foi se escalonando, houve uma necessidade cada vez maior para que essas corporações passassem a assumir funções ainda mais centrais no confronto, atuando em muitas ocasiões como a principal força e assegurando grandes vitórias para o Estado (JONES et al., 2021).

O gráfico abaixo, do *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI), proveniente do site do *The World Bank*, expõe os gastos militares em dólares por parte do governo russo, no que se refere ao período entre 1992 a 2022. A análise desses dados indica uma queda significativa iniciada a partir de 2013 e intensificada em 2014, no que diz respeito a esses gastos, justamente no período em que as Empresas Militares Privadas passam a ser introduzidas no confronto ucraniano. Embora essas informações por si só não representem uma relação direta, podem servir como um indicativo de que o emprego dessas empresas tenha contribuído para a redução dos gastos referentes ao setor militar,

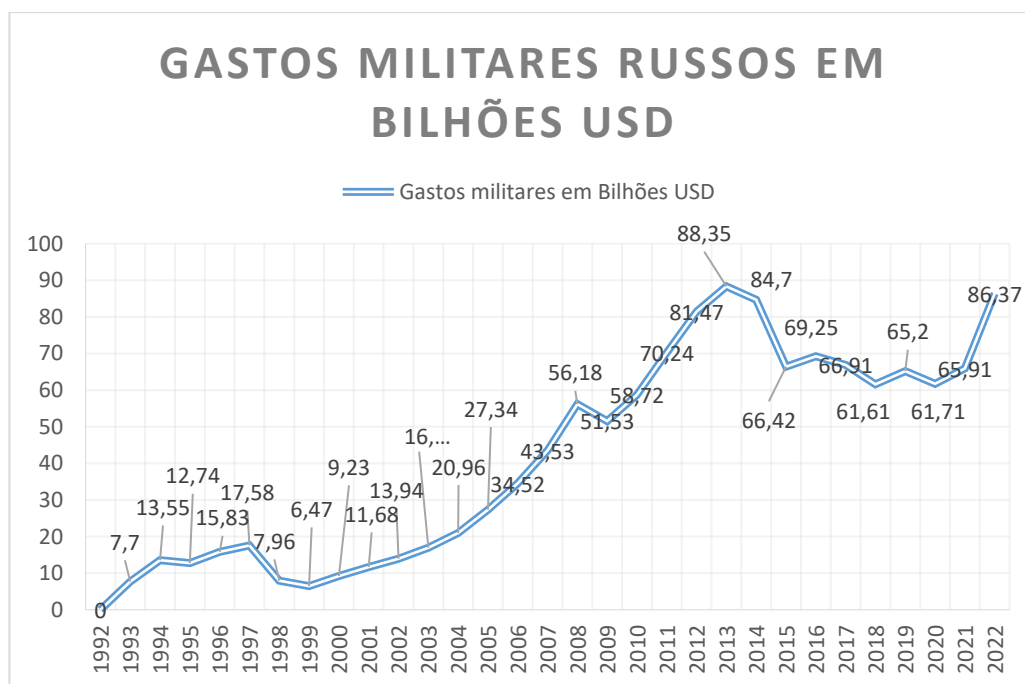
---

<sup>14</sup> PMC = Private Military Companies (Sigla em inglês para Empresas Militares Privadas)

<sup>15</sup> “The use of PMCs outside formal diplomatic and military channels permits Russia to construct hierarchical relationships with foreign states that can be formalized if successful and jettisoned if not.”

uma vez que, as mesmas desempenham funções semelhantes àquelas atribuídas as forças armadas por um gasto significativamente menor. Desse modo, como abordado anteriormente, a escolha dessas corporações se daria com base em uma lógica de redução de custos, sejam eles econômicos, políticos e sociais.

**Figura 1:** Gastos militares em dólares (1992 – 2022)

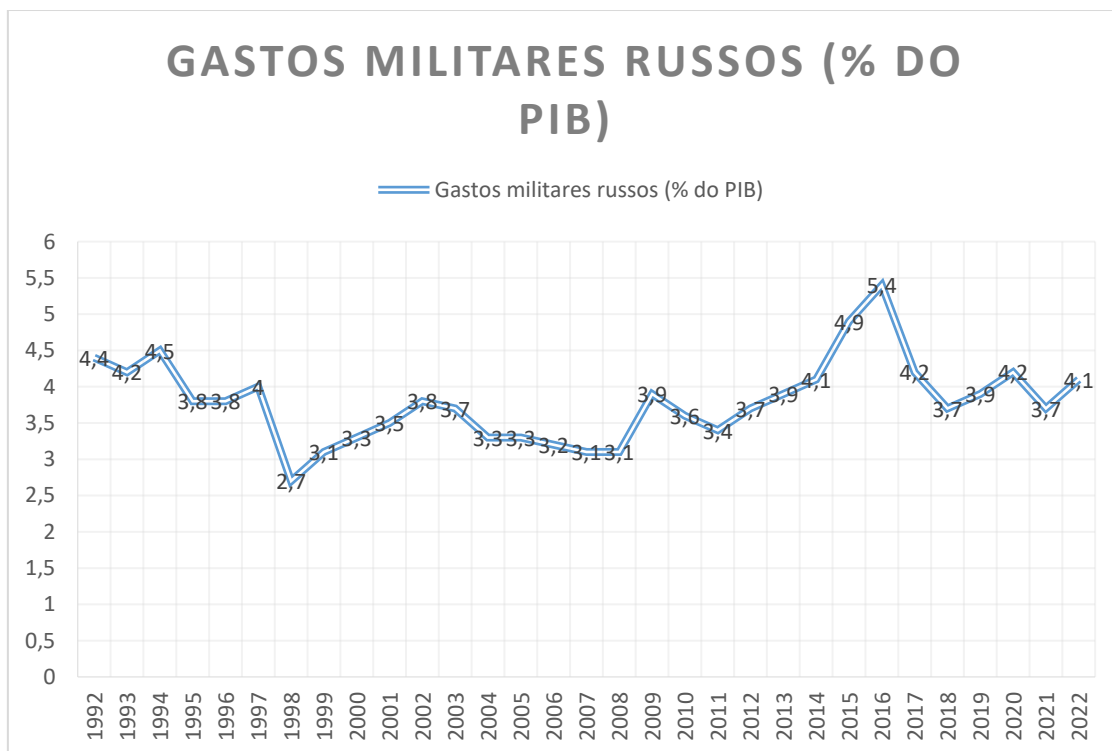


Fonte: The World Bank, 2023.

No entanto, observa-se ainda que embora o valor total bruto desses gastos tenha sofrido uma redução significativa, o mesmo não se aplicaria para o percentual desse valor quando comparado com o Produto Interno Bruto (PIB) do país. O gráfico 2 demonstra essa relação ao analisar o percentual com base no PIB referente aos gastos destinados ao setor militar e de defesa da Rússia desde 1992 até o ano de 2023. Nele nota-se que embora o valor total dos gastos tenha diminuído, vide o gráfico 1, o percentual com relação ao PIB aumentou significativamente a partir de 2014, somente reduzindo a partir de 2016.

**Figura 2:** Percentual com base no PIB dos gastos militares (1992 – 2022)





Fonte: The World Bank, 2023.

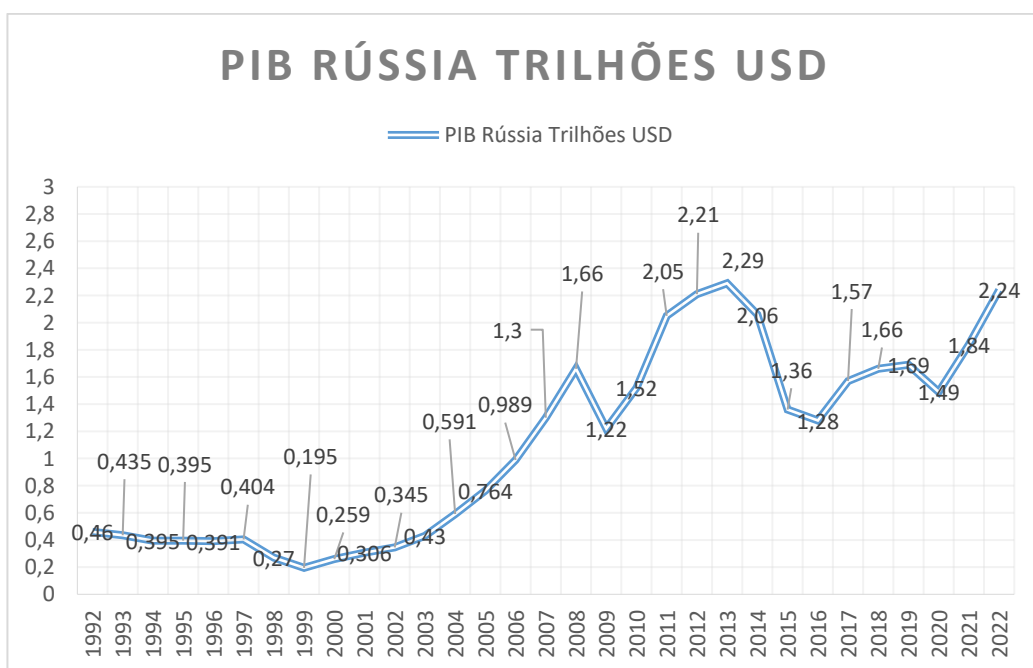
Ressalta-se, no entanto que, essa perspectiva pode ser justificada com base na redução significativa da PIB do país em decorrência da guerra e das sanções impostas, além de outras variáveis externas, como por exemplo o boom das commodities, o que por sua vez veio a resultar em um aumento do percentual de gastos com base nesse aspecto. Nota-se que antes da principal introdução das Empresas Militares Russas em operações militares, a partir de 2014, o valor total dos investimentos militares em dólares seguia uma tendência de crescimento constante, fator esse que somente teve uma redução a partir desse período, permanecendo abaixo de 70 bilhões de dólares anuais desde 2015.

No entanto, ressalta-se que essa redução não está necessariamente vinculada à introdução das EMP's, uma vez que, incorpora diversos outros fatores geopolíticos e econômicos, mas a introdução e expansão da utilização dessas corporações segue cada vez mais uma lógica que é motivada por diversos fatores. Dentre eles destacam-se, a expansão de influência da Rússia por meios que possam facilmente ser negados ou ao menos que dificultem uma ligação direta ao Estado, sendo considerado assim por muitos líderes russos como uma forma menos arriscada politicamente, tanto no âmbito doméstico quanto externo, de expandir sua influência. Somado a isso, a utilização dessas empresas segue uma razão de promoção dos interesses econômicos de grupos e setores importantes para o governo, incluindo aqui os oligarcas e líderes empresariais que, em grande parte, asseguram uma maior governabilidade e estabilidade, tanto econômica quanto política,

assegurando o apoio as decisões governamentais (JONES et al., 2021).

Essa conjuntura, pode ser melhor visualizada no gráfico 3, uma vez que, se nota uma significativa redução do PIB russo a partir do ano de 2013, caindo de 2,29 trilhões de dólares, para 1,36 trilhões, em 2015, e 1,28 trilhões em 2016. Desse modo, percebe-se que essa redução contribui para o aumento proporcional em relação ao percentual dos gastos quando analisados com base nesse parâmetro, uma vez que, justamente nesse período, se observa o aumento percentual dos gastos militares em relação ao PIB, indo de 3,9% em 2013 para 5,4% em 2016. Complementarmente, a partir de 2016, o PIB russo passou por um crescimento e se percebe uma redução do percentual dos gastos em relação a essa variável econômica. Essa relação justificaria, ao menos em parte, o porquê em 2014 os gastos totais diminuíram, enquanto percentual desses gastos em relação ao PIB aumentou.

**Figura 3:** PIB Rússia em Trilhões USD (1992 – 2022)



Fonte: The World Bank, 2023

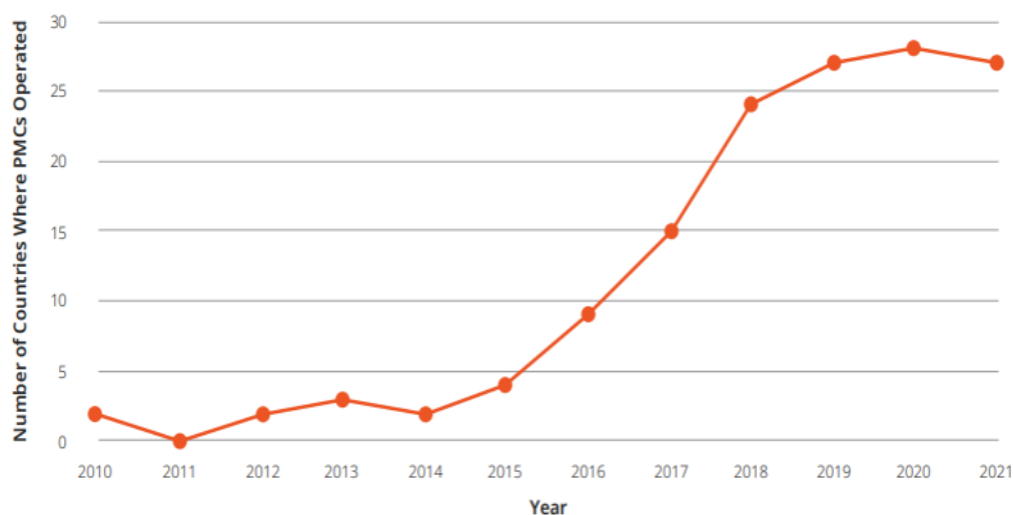
Esses dados, por sua vez, indicam uma significativa redução dos gastos destinados ao setor militar e de defesa, quando comparados com aqueles provenientes da URSS. De acordo com fontes do governo norte-americano, desde a metade da década de 1980, estima-se que os gastos militares do governo soviético correspondiam a cerca de 15% a 17% do PIB do país (FAS, 2000).

Esse valor, quando comparado com a média dos gastos entre 1992 e 2021, de aproximadamente 3,79%, é significativamente maior. Desse modo essa redução pode

estar atrelada a uma consequência decorrente do sobrecarregamento da economia soviética por parte do setor militar e que, devido às reformas propostas por Yeltsin e o fim da Guerra Fria, teria resultado em uma tendência de redução do papel desempenhado por esse setor de defesa na economia russa como forma de evitar novos colapsos e problemáticas econômicas e sociais.

Ademais, no que diz respeito a utilização de EMP's por parte do Estado russo, a imagem 1 e imagem 2, demonstram uma tendência de crescimento na atuação dessas empresas em outros países, principalmente, a partir do ano de 2015. O aumento e intensificação das empresas militares, a partir desse período, muito provavelmente se deu em decorrência do desejo de Moscou e do Kremlim de expandir sua influência em áreas de interesse (JONES et al., 2021).

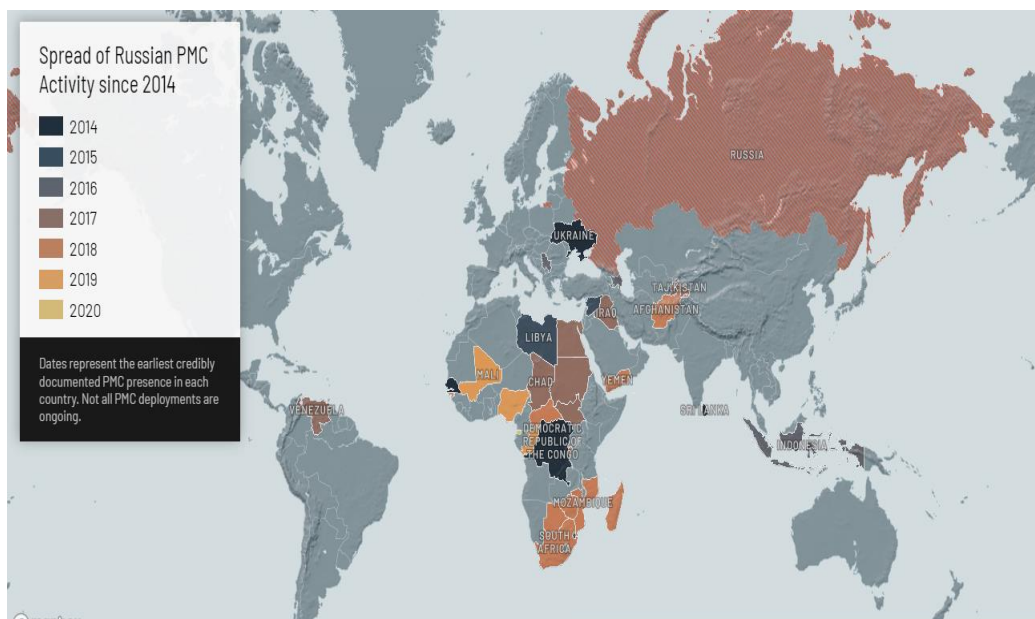
**Figura 4:** Número de países em que as EMPs operaram (2010 – 2021)



Fonte: CSIS<sup>16</sup>, 2021.

**Figura 5:** Propagação da atividade de EMPs russas desde 2014

<sup>16</sup> CSIS = Center for Strategic & International Studies



Fonte: CSIS, 2021.

Fato é que, devido à influência positiva do uso dessas empresas militares na anexação da Crimeia em 2014 e, posteriormente em 2015/2016, com a intervenção russa na Guerra da Síria para apoiar o governo de Bashar al-Assad, os dados provenientes do Center for Strategic & International Studies (CSIS) demonstram uma expansão significativa no número de países em que essas corporações passaram a ser empregadas, indo de 4 países em 2015 para mais de 20 países em 2019, atuando em Estados da África, Ásia, Oriente Médio e América Latina (JONES et al., 2021). De acordo com Jones (et al., 2021, p.14 e 15, tradução nossa) “os dados sugerem que a Rússia utiliza as EMPs para aumentar a sua influência em um número crescente de países em quatro continentes, desenvolver as capacidades das forças estatais e não estatais e expandir os interesses econômicos.”<sup>17</sup>

Fato é que, essas corporações militares, com destaque aqui para o Grupo Wagner, desempenharam um papel fundamental em diversas operações militares, atuando em conjunto com o exército e agências de inteligência do país, por exemplo o Departamento Central de Inteligência (GRU)<sup>18</sup>, o Serviço Federal de Segurança (FSB)<sup>19</sup> e o Serviço de Inteligência Estrangeiro (SVR)<sup>20</sup>. Na Ucrânia, por exemplo, os membros de Empresas

<sup>17</sup> “The data suggest that Russia uses PMCs to increase its influence in a growing number of countries on four continents, build the capabilities of state and non-state forces, and expand economic interests.”

<sup>18</sup> GRU: Main Intelligence Directorate (Acrônimo em inglês da versão russa ГРУ)

<sup>19</sup> FSB: Federal Security Service (FSB) (Significado em inglês do acrônimo russo da palavra Federal'naya Sluzhba Bezopasnosti)

<sup>20</sup> SVR: Foreign Intelligence Service (SVR) (Significado em inglês do acrônimo russo da palavra Sluzhba Vneshney Razvedki)

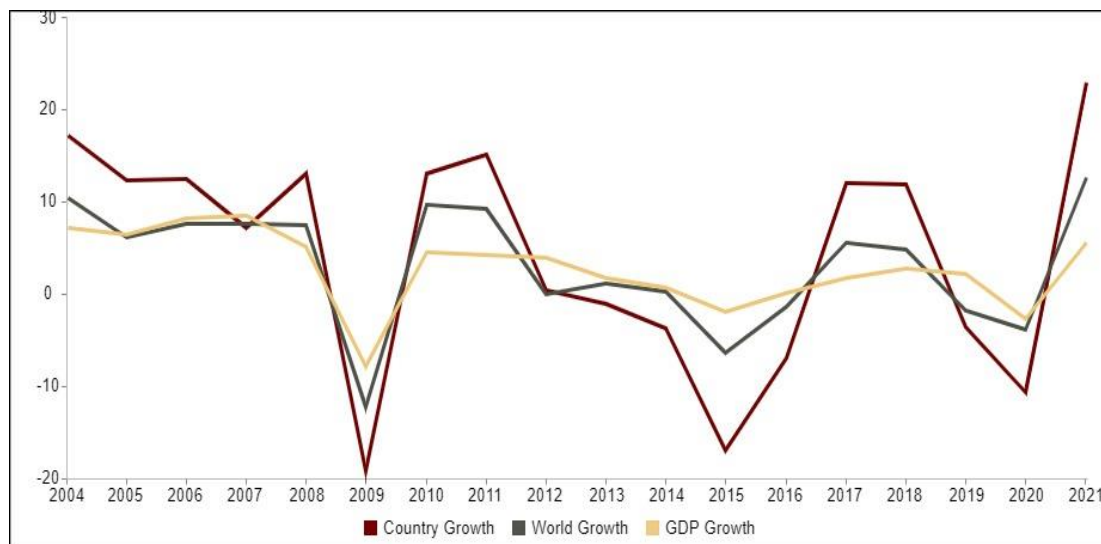
Militares Privadas conduziram uma série de atividades de reconhecimento e inteligência em prol do Estado russo, de modo a facilitar a coleta de dados referentes a tropas inimigas. Na Síria, por sua vez, as EMP's se utilizaram de especialistas de inteligência nas linhas de frente para melhor coordenar ataques aéreos e permitir um melhor posicionamentos e manobras de guerra de tropas aliadas (JONES et al., 2021).

Esses fatores, como destacados anteriormente, são utilizados na maioria das vezes como uma extensão do próprio aparato militar russo, visto que em muitos casos essas Empresas Militares Privadas desempenham funções que tradicionalmente recairiam as forças armadas do país, atuando inclusive, em operações militares diretas. Ademais, permitem também uma forma mais discreta de assegurar interesses particulares de aliados, como garantir acesso, proteção e concessões a recursos estratégicos, tais como, petróleo, gás natural e urânio.

Existe assim, uma ampla variedade de funções que são desempenhadas por esses atores e seu *modus operandis* está em constante evolução e aprendizado com experiências prévias, adaptando-se a contextos e situações distintas, além de também desempenhar outras funções que fogem do contexto militar. Um exemplo disso está no emprego dessas empresas e organizações de mídia associadas, na condução de campanhas de propaganda e desinformação em prol dos interesses russos, transmitindo mensagens e narrativas que permitam influenciar determinados setores da opinião pública, além de gerar confusão e dificultar a associação de determinados acontecimentos à Rússia (JONES et al., 2021). Nota-se, portanto, que as EMPs servem aos interesses do Kremlin, agindo como uma espécie de ferramenta para expandir a influência e assegurar certos interesses do país, por meio dessas campanhas, além de permitir uma alternativa menos custosa política e militarmente para operações militares em países e locais estratégicos.

A imagem 3 por sua vez, demonstra que, embora o PIB do país tenha apresentado pouco crescimento a partir de 2015, e até mesmo um breve declínio em 2020, justificado parcialmente em decorrência da pandemia do coronavírus, o crescimento econômico do país passou por uma rápida ascensão a partir de 2015, justamente o mesmo período das operações militares na Ucrânia e Síria. Fator esse que, embora não tenha sido o principal motivo, poderia ter contribuído para assegurar e garantir acesso a recursos estratégicos, por meio de concessões, além de, contribuir para fortalecer as relações com os líderes e grupos de interesse nesses países, garantindo acesso a novos mercados.

**Figura 6:** Crescimento econômico da Rússia vs crescimento econômico do mundo vs crescimento do PIB (2004 – 2021)



Fonte: World Integrated Trade Solution, 2022.

Desse modo, a tendência de crescimento na utilização dessas empresas militares em diversos países e em mais de quatro continentes por parte do Estado russo, principalmente a partir de 2014, reflete a importância que essas corporações passarão a desempenhar na competição estratégica e geopolítica russa na contemporaneidade e no futuro próximo. As operações militares como aquelas realizadas na Ucrânia e Síria, por sua vez, atuam como ambientes de aprendizado para novas experiências, além de propiciar um campo prático para o refinamento de táticas, operações e logísticas referentes à utilização desses atores como mecanismo de guerra híbrida e como instrumentos complementares as forças armadas, garantindo maior eficácia e reduzindo as perdas humanas e financeiras (JONES et al., 2021).

O próximo capítulo se voltará para a análise mais detalhada a respeito das operações realizadas na Ucrânia, em 2014, e na Síria, a partir de 2017, objetivando compreender melhor os aspectos operacionais, logísticos e os interesses inerentes a utilização dessas EMP's por parte do Estado russo nesses locais. Assim, busca-se realizar um estudo de caso comparado entre esses dois eventos, de modo a tentar compreender melhor os aspectos logísticos, ideológicos e operacionais que permearam o emprego desses atores.

Portanto, se busca entender se essas operações em questão poderiam vir a estabelecer determinados padrão de ação por parte da Rússia no ambiente internacional

além de debater a respeito da legalidade da utilização desses atores que, em determinados contextos agem como uma ferramenta não oficial de Política Externa russa, defendendo, mesmo que indiretamente, os interesses nacionais do Estado e de aliados ao governo, como foi o caso da Síria.

### 3 ESTUDO DE CASO COMPARADO: UCRÂNIA E SÍRIA

O foco deste capítulo consistirá em analisar dois casos distintos da utilização das Empresas Militares Privadas pelo Estado russo. Em um primeiro momento, objetiva-se analisar o que pode ser considerado como a primeira grande introdução das EMP's nos campos de batalha pela Rússia, através da anexação da Criméia em março de 2014 (JONES et al., 2021). Esse primeiro caso se torna fundamental uma vez que, como abordado anteriormente, trata-se de um acontecimento emblemático e que atuou em muitos aspectos como um “campo de treinamento” para operações futuras, contribuindo para testar estratégias e métodos que viriam a ser aprimorados em operações futuras, como é o caso da Síria. Ademais, embora o enfoque central seja a compreensão dessa operação em 2014, há de se comparar também com os acontecimentos mais recentes na região do Donbass em 2021, uma vez que, pode ser caracterizada como uma continuação da operação que se iniciou na Criméia em 2014.

Desse modo, nota-se que essa introdução, em princípio, se portou de modo a representar uma implementação auxiliar *ad hoc* dessas empresas que, em um primeiro momento exerceram papéis auxiliares em conjunto com os separatistas da região (JONES et al., 2021). A análise em questão irá se basear na evolução dessas operações buscando compreender especificamente quais foram os papéis desempenhados por esses atores e como estes vieram a evoluir conforme o conflito foi se intensificando. Ademais, se busca compreender quais foram os motivadores que levaram essas empresas a exercerem outras funções, fora aquelas iniciais, e quais foram as consequências, positivas ou negativas, do emprego dessas EMP's no caso ucraniano.

Por fim, no caso sírio, há de se buscar realizar uma análise do conflito, compreendendo as semelhanças e diferenças entre este e o caso anterior, da Ucrânia, de modo a verificar a existência, ou não, de um certo padrão entre esses dois casos. Assim como a Ucrânia, o caso da Síria também se porta em muitos aspectos como um “campo de testes” para a aplicação de um modelo de implementação híbrido das EMP's em conjunto com forças nacionais e aliadas (JONES et al., 2021). Portanto, busca-se entender e analisar os objetivos centrais que desempenharam uma influência direta nessa operação, isto é, quais os objetivos em jogo, além de, comparar as diferenças de métodos de emprego e atuação nesses dois casos.



### 3.1 ESTUDO DE CASO UCRANIANO

O caso ucraniano, mais especificamente a operação que levou a anexação da Criméia em 2014 e, posteriormente com o conflito na região de Donbass, pode ser caracterizado como a primeira grande introdução de Empresas Militares Privadas nos campos de batalha por parte do Estado russo. Fato é que essa intervenção demonstrou em partes, como uma espécie de campo de testes de certos aspectos logísticos e militares que viriam a ser aprimorados nas próximas operações, incluindo o caso sírio (JONES et al., 2021).

Ao se propor a analisar o conflito em questão há de se ressaltar certos elementos que dificultam uma análise mais aprofundada a respeito do caso, entre eles, destaca-se aqui a carência de informações oficiais confiáveis, uma vez que, principalmente, por parte do Estado russo os números e dados do conflito são muitas vezes omitidos ou não representam a realidade dos fatos, além do país constantemente negar o envolvimento com essas Empresas Militares Privadas. Portanto, há de se buscar analisar o conflito partindo de relatórios de organizações e outros governos, extraindo dados pertinentes à implementação desses atores no conflito, sua importância estratégica nas operações, seu suposto *modus operandis* e outros elementos importantes, como os possíveis motivadores que contribuiriam para a utilização desses atores no conflito.

Dentre as principais preocupações que se tornaria, inclusive, um dos catalisadores do conflito ucraniano, há de se destacar:

A garantia da segurança da Rússia depois da desintegração soviética ocupou o primeiro lugar nas prioridades da política externa, tanto no que se referia à estabilidade no “exterior próximo” quanto no tocante às ameaças externas à Rússia, como a permanência e a recomposição da OTAN depois do fim da Guerra Fria, assim como novas ameaças transnacionais e globais. (ZHEBIT, 2019, p.8)

A percepção de que a OTAN poderia vir a expandir suas fronteiras e zona de influência para o exterior próximo, englobando os países que pertenciam ao antigo bloco soviético, tornou-se uma das maiores preocupações de segurança do Estado russo, sendo visto como inadmissível e uma ameaça à segurança nacional e internacional (ZHEBIT, 2018). Tendo isso em mente, em 27 de maio de 1997, Primakov foi o responsável por negociar a Ata Fundamental, assinada por Yeltsin, que embora criasse um fórum de cooperação com a OTAN, reafirmasse regimes de redução de armamentos convencionais e de reforço de medidas de confiança mútua, “foi incapaz de sustar o robustecimento

político-militar dos Estados Unidos na Europa ou pôr termo ao processo da expansão da OTAN ao Leste europeu.” (ZHEBIT, 2019, p. 13)

Conseqüentemente, o que se observou nos anos seguintes, foi a gradual ampliação da Organização do Tratado do Atlântico Norte em direção ao leste, adentrando à zona de influência russa. Esse crescimento se deu em “ondas seguidas de expansão”, incorporando, em 1999, a Polônia, a Hungria e a República Checa. A próxima etapa de desenvolvimento se deu em 2004, com a incorporação de países bálticos, como a Lituânia, Letônia e Estônia, além de outros países da Europa Centro-Oriental e do Sudeste, levando assim “a maior ampliação do bloco desde a sua fundação.” (ZHEBIT, 2019, p.15).

A expansão da OTAN em direção ao leste, percebida como Primakov como algo inaceitável e possível causador de instabilidades na região, também se tornou uma das maiores preocupações do presidente Vladimir Putin. Nesse contexto, Putin viria a encarar a expansão da OTAN como uma ameaça para a Rússia, sendo esse tema inclusive presente na Estratégia Nacional de Segurança do país. (TOMÉ, 2018). Essa conjuntura, embora resumida, contribui para expor luz em uma das possíveis motivações que levaram à intervenção ucraniana e posteriormente à anexação da Criméia, em 2014, uma vez que, “a pressão ocidental sobre a «vizinhança próxima» da Rússia é, na visão de Putin, inaceitável e, no caso concreto da Ucrânia, ultrapassou a «linha vermelha».” (TOMÉ, 2018, p. 10).

No caso da Ucrânia, o conflito possui suas origens na crise política que assolou o país no início da década de 2010, com a eleição do presidente pró-Rússia Viktor Yanukovic, este que veio a permitir que “o governo russo recuperasse sua influência sobre o país.” (JUNIOR, 2016). As medidas propostas por Yanukovic, tais como a não assinatura do acordo de livre comércio com a União Europeia, levaram a uma série de protestos e manifestações que vieram a culminar na sua destituição e no estabelecimento de um novo governo mais voltado aos interesses ocidentais.

Tal conjuntura, por sua vez, resultou em um aumento na impopularidade do novo governo em regiões majoritariamente compostas por povos de origem russa, como é o caso da Criméia e a região de Donbass, fator esse que acabou resultando em uma maior polarização do país e em novas manifestações, dessa vez em prol dos interesses russos (JUNIOR, 2016). Ressalta-se também que, a aproximação da Ucrânia ao Ocidente representou um alerta ao Estado russo de um possível alinhamento à incorporação do país às instituições ocidentais, em especial a OTAN e União Europeia, fator esse que representaria uma ameaça à segurança nacional.

O ponto de estopim do conflito se deu em 27 de fevereiro de 2014, com a tomada do parlamento da Criméia e outros pontos estratégicos da região por soldados vestidos de verde e sem identificação específica de um país e que vieram a ser denominados de “the little green men” (JUNIOR, 2016). Esse acontecimento marcou o início da intervenção semi-secreta russa na região e, posteriormente ficou claro que esses indivíduos se tratavam na realidade de membros de Empresas Militares Privadas empregados pela Rússia, a princípio utilizados majoritariamente para bloquear e prevenir o avanço do exército ucraniano sobre a Península da Criméia (JONES et al., 2021).

Embora seu papel inicial no conflito tenha sido limitado a uma implementação *ad hoc* auxiliar, essas Empresas Militares Privadas, como a E.N.O.T Corps e o Wagner Group, atuando de modo a complementar e auxiliar as forças especiais do exército russo, ao longo do conflito provaram-se como um elemento essencial da estratégia de guerra híbrida da Rússia, assumindo gradualmente um papel central no orquestramento da campanha russa em Donbass e no suporte de grupos separatistas autointitulados de “people’s republics” (JONES et al., 2021).

De acordo com uma apresentação dada pelo Representante do Ministro da Defesa da Ucrânia, o Major General Vadym Skibitskyi (2020):

A agressão armada russa no leste da Ucrânia mostrou a eficácia e a importância das EMP’s. Durante a primeira fase, a sua principal tarefa foi agitar e desestabilizar ainda mais a situação, provocando a sua escalada de confronto político para uma fase de violência direta e hostilidades. O número de homens nas EMPs cresceu, com o aumento das suas tarefas. Desde maio de 2014, a EMP “Wagner” aumentou de 250 para 1.500 homens em vários meses no leste da Ucrânia. Participou em atividades terroristas e de sabotagem contra as Forças Armadas Ucranianas.<sup>21</sup> (SKIBITSKYI, 2020, s/p, tradução nossa).

A atuação dessas empresas, portanto, viria a evoluir ao longo do conflito, passando de papéis de apoio e desestabilização para atuar em alguns casos como a principal força ofensiva russa no local. De acordo com dados extraídos do Center for Strategic & International Studies (CSIS), estima-se que durante o período de pico do conflito, em 2015, cerca de 2.500 a 5.000 combatentes privados foram observados lutando na região de Donbass (JONES et al., 2021). Somado a isso o relatório também expõe que:

---

<sup>21</sup> “The Russian armed aggression in the east of Ukraine showed the effectiveness and importance of the PMCs. During the first stage, their main task was stirring and further destabilizing the situation, provoking its escalation from political confrontation to a phase of direct violence and hostilities. The number of men in PMCs grew, with the increase in their tasks. Since May, 2014 PMC “Wagner” increased from 250 to 1500 men within several months in the east of Ukraine. It took part in terrorist and sabotage activity against the Ukrainian Armed Forces.”

A Operação das Forças Conjuntas Ucrainianas documentou 32.000 ocupantes liderados pela Rússia em Donbass – com mercenários russos e forças regulares representando 11.000 – em dezembro de 2018. Wagner foi especificamente identificada como conduzindo operações de sabotagem, incluindo a destruição de depósitos de munições e intimidação da população local através da realização de atos públicos de sabotagem.<sup>22</sup> (JONES et al., 2021, p. 30, tradução nossa)

Concomitantemente, acredita-se que agentes pertencentes ao Grupo Wagner desempenharam um papel central na captura e domínio da cidade estratégica de Debaltseve, no início de 2015, atuando inclusive em funções de combate direto na contra-ofensiva russa em Donbass contra o exército ucraniano (JONES et al., 2021). Ademais, dentre outras funções militares desempenhadas por essas EMP's destaca-se aqui a participação desses atores em invasões e missões especiais, atuando em conjunto com grupos de batalhões táticos do exército russo, além de atuarem tanto unilateralmente enquanto em conjunto com milícias separatistas ucranianas desempenhando um papel fundamental na derrota do exército ucraniano na batalha de Ilovaisk (JONES et al., 2021). Complementarmente a isso, cabe destacar aqui também que:

Existem fatos confirmados da participação da EMP “Wagner” na batalha pelo aeroporto de Luhansk (abril-setembro de 2014), Sanzharivka (janeiro de 2015) e Vergulivka (fevereiro de 2015). 250 membros do PMC “Wagner” participaram em ações de combate perto de Debaltseve de 14 de janeiro de 2015 a 20 de fevereiro de 2015.<sup>23</sup> (SKIBITSKYI, 2020, s/p, tradução nossa)

Em conjunto a isso, Skibitskyi (2020), aborda que as funções desempenhadas por esses atores no caso ucraniano, não se limitariam somente à atuação direta em combate e funções complementares, mas que seriam instrumentos utilizados por Moscou para “recrutar, treinar e equipar mercenários, aumentando a sua expansão híbrida na Ucrânia e em todo o mundo.”<sup>24</sup> (SKIBITSKYI, 2020, s/p, tradução nossa).

Com a redução do contingente de forças regulares russas no leste ucraniano, em decorrência, principalmente, das conquistas ocorridas no início de 2015, o que se observou foi o preenchimento do vácuo deixado por essas forças nacionais pelas

---

<sup>22</sup> The Ukrainian Joint Forces Operation documented 32,000 Russian-led occupiers in Donbas—with Russian mercenaries and regular forces accounting for 11,000—as of December 2018.5 Wagner was specifically identified as conducting sabotage operations, including destroying ammunition depots and intimidating the local population by conducting public acts of sabotage.

<sup>23</sup> There are confirmed facts of PMC “Wagner” participation in the battle for Luhansk airport (April-September, 2014), Sanzharivka (January, 2015) and Vergulivka (February, 2015). 250 PMC “Wagner” members took part in combat actions near Debaltseve from January 14, 2015 until February 20, 2015.

<sup>24</sup> “recruiting, training and equipping mercenaries, increasing its hybrid expansion in Ukraine and all over the world.”

Empresas Militares Privadas que, passaram a assumir funções até então desempenhadas pelas forças especiais de operação russas na liderança e treinamento das milícias separatistas ucranianas (Donetsk and Luhansk People's Republics – DPR e LPR, respectivamente) (JONES et al., 2021).

Dessa forma, nessa fase da operação, essas empresas passaram a assumir funções de treinamento e capacitação em detrimento do envolvimento direto em combate. Assim, nota-se que essas corporações, como foi o caso do Wagner Group, se aproveitaram de seu treinamento, oferecido e proporcionado pelo próprio exército russo, e de superioridade tática para treinar e preparar as forças aliadas, transformando-as em unidades de combate mais coesas e eficazes, além de disponibilizar acesso e treinamento a diversos equipamentos e sistemas de armas a esses aliados, incluindo “artilharia, blindagem, defesa aérea, engenharia de combate, e logística.” (JONES et al., 2021, p. 31, tradução nossa). Ademais, no que diz respeito ao treinamento atribuído aos soldados provenientes dessas empresas, Skibitskyi (2020) ressalta:

Os soldados de EMPs são treinados no campo de tiro militar de Molmino (perto da cidade de KRASNODAR) – área de treinamento convencional da 10ª brigada de operações especiais russa e da EMP “Wagner”. As EMPs russas geralmente recrutam combatentes na Rússia e em ex-estados soviéticos. Muitos mercenários foram recrutados nos territórios temporariamente ocupados da Ucrânia – certas áreas do Donbass e da Crimeia<sup>25</sup> (SKIBITSKYI, 2020, s/p, tradução nossa).

Em conjunto com as funções de atuação direta e indireta nas zonas de conflito e no treinamento de tropas aliadas, no caso ucraniano se referindo às milícias e rebeldes separatistas pró-russos, essas Empresas Militares Privadas, portanto, passaram a usufruir de seu treinamento especializado para assumir outras funções, como de inteligência, atuando na coleta de informações, sabotagem e intimidação de populações locais e até mesmo aliados. Nota-se que uma das principais ações desempenhadas por esses atores nesse contexto se voltaria para a incidência de atos de sabotagem e subversão contra forças, facilidades e infraestrutura vitais ucranianas, como mencionado anteriormente, além de incitar medo nos residentes locais e nos próprios aliados, a fim de, evitar quaisquer possibilidades de revolta ou traição (JONES et al., 2021). Nesse contexto, destaca-se que:

---

<sup>25</sup> PMC's fighters are trained at Molmino military firing range (near KRASNODAR city) – conventional training area for Russian 10th special operations brigade and PMC “Wagner”. Russian PMCs usually recruit fighters in Russia and from ex-Soviet states. Many mercenaries were recruited from the temporarily occupied territories of Ukraine – certain areas of Donbas and Crimea.

O Comandante do Grupo Wagner, Utkin e o Ministro do Interior do LPR supostamente coordenaram assassinatos de comandantes e combatentes não cooperativos, enquanto outras unidades da Wagner conduziram desarmamentos completos de grupos de milícias desobedientes<sup>26</sup> (JONES et al., 2021, p.32, tradução nossa).

A atuação de entidades midiáticas, associadas e muitas vezes dirigidas por essas EMPs, incluindo aqui a Kharkov News Agency, cujo dono é o mesmo da Wagner Group, Prigozhin, demonstraram-se como um elemento complementar relevante para a atuação em outros âmbitos do conflito, isto é, conduzindo campanhas de propaganda e desinformação em coordenação com veículos estatais e alinhados ao Estado russo (JONES et al., 2021).

Desse modo, esses veículos midiáticos passaram a dirigir seu foco na promoção de propaganda pró-Rússia, pró-separatista e anti-ucraniana, a fim de, angariar um maior apoio à operação, principalmente no contorno estratégico do país. Para tanto, em conjunto a isso, nota-se a criação de campos patrióticos para jovens, que, em última instância buscavam prover uma instrução ideológica, política, religiosa e militar em consonância com os interesses russos nesses locais, de modo a permitir uma maior capacidade de recrutar combatentes (JONES et al., 2021). Esses “campos de treinamento” seriam geridos por EMPs e vieram a ser estabelecidos, principalmente, nas regiões de Donetsk e Luhansk na Ucrânia, e em outros países, como Bielorrússia, Sérvia, Montenegro e Bulgária (JONES et al., 2021).

Somado a isso, o relatório do CSIS (2021), discorre também que:

EMPs russas trabalharam ao lado de ativistas hackers para promover uma influência on-line agressiva e campanhas nas redes sociais, pintando a Ucrânia como um Estado “neonazista” e “terrorista” e usando técnicas de desinformação cada vez mais sofisticadas, incluindo “deepfakes” de supostas atrocidades ucranianas e retratando a Rússia como o “protetor.”<sup>27</sup> (JONES et al., 2021, p.32, tradução nossa).

Desse modo o conflito ucraniano contribuiu para expor a crescente importância que essas empresas passaram a desempenhar no decorrer do conflito um papel fundamental, contribuindo para a consolidação dos ganhos territoriais na região de

---

<sup>26</sup> Wagner Group commander Utkin and the LPR interior minister reportedly coordinated assassinations of uncooperative commanders and fighters, while other Wagner units conducted full disarmaments of disobedient militia groups.

<sup>27</sup> Russian PMCs worked alongside hackers to wage aggressive online influence and social media campaigns, painting Ukraine as a “neo-Nazi” and “terrorist” state and using increasingly sophisticated disinformation techniques, including “deepfakes” of alleged Ukrainian atrocities, and portraying Russia as the “protector.”

Donbass (JONES et *al.*, 2021). As EMP's como observado anteriormente, passaram de um papel auxiliar no conflito, atuando principalmente como tropas de bloqueio para barrar a chegada de reforços por parte do exército ucraniano cruzando pela Península da Crimeia, para desempenhar funções centrais em meio a operação. Essas funções abrangeram desde sua atuação em confrontos diretos, contribuindo para a conquista e consolidação de territórios, além de atuarem no treinamento e capacitação de tropas aliadas.

Nota-se que essa operação demonstrou na prática a aplicação da doutrina de guerra híbrida empregada pela Rússia, confirmando, por fim, o papel que essas EMPs podem desempenhar, suas habilidades, tanto independente quanto em conjunto com o exército russo, além de suas capacidades na propagação de campanhas de propaganda e desinformação em prol de influenciar a opinião pública a favor dos interesses russos (JONES et *al.*, 2021). Em conjunto a isso:

As lições aprendidas na Ucrânia sobre a exploração da combinação de capacidades militares e de “negação” oficial das PMC – particularmente face à fraca resistência internacional – foram aplicadas na próxima grande operação estrangeira da Rússia: a Síria (JONES et *al.*, 2021, p. 29 e 30, tradução nossa).

Portanto, pode-se observar a partir do estudo de caso específico, o papel fundamental que essas EMPs podem exercer em futuras operações, atuando como um facilitador para a conquista dos objetivos proposto pela Rússia na região. Em adição, a sua utilização propiciou ao país uma redução significativa nos custos humanos e financeiros relativos a possíveis perdas em combate, uma vez que, sua atuação em conjunto as tropas armadas russas permitem uma otimização da capacidade militar do país nessas operações (JONES et *al.*, 2021).

Por fim, de acordo com o relatório do CSIS (2021), pode-se perceber que grande parte do sucesso a respeito do emprego desses atores privados pelo Estado russo se deu com base no contexto em que se deu esse uso. Para tanto destacam-se três principais motivos, dentre eles o fato de que se tratou de uma operação em que desde o princípio estabeleceu um foco específico de atuação, expandindo-o conforme necessário, além de apresentar também objetivos limitados, dentre eles a expansão e consolidação das conquistas no sudeste da Ucrânia com separatistas ideologicamente alinhados aos interesses nacionais e evitando maiores ambições que poderiam acarretar em represálias da comunidade internacional e o envolvimento de outros países (JONES et *al.*, 2021).

Somado a isso, a incapacidade e fragilidade do lado ucraniano em prover uma contraofensiva eficaz em impedir o progresso russo e de rebeldes separatistas, aliado a uma proximidade geográfica e similaridades culturais se tornaram outro fator que, conseqüentemente, facilitaram o sucesso da operação, permitindo uma alocação rápida de tropas e recursos para o território (JONES *et al.*, 2021).

A próxima seção, portanto, objetivará analisar o caso Sírio, compreendendo até que ponto os dois casos se assemelham e quais são suas diferenças. Ademais, há de se ponderar possíveis lições extraídas dessa experiência ucraniana que, porventura, vieram a gerar uma um aprimoramento no emprego desses atores na operação seguinte.

### 3.2 ESTUDO DE CASO SÍRIO

A ação e presença de EMPs russas no Oriente Médio e seus arredores representa em certos aspectos uma continuidade das estratégicas e táticas implementadas anteriormente pela Rússia, antes de Putin, e pelos governos soviéticos passados. Rondeaux (2019), ao abordar essa temática, referente à importância que esses atores privados exercem na região, de modo a reafirmar e assegurar determinados interesses russos, destaca que “operadores secretos que hoje operam como EMPs reforçam os interesses de segurança nacional da Rússia em áreas do mundo onde não podem permitir-se uma instabilidade política que afete negativamente as principais exportações da Rússia - energia e armas.” (RONDEAUX, 2019, p. 20)

Essa importância atribuída ao Oriente Médio, como meio de projeção de poder e influência russa, notadamente pode ser percebida, principalmente no que se refere ao caso sírio, desde meados de 1940 até 1970, quando a URSS passou a concentrar grande parte de seu foco no Egito e Síria, uma vez que, “o Kremlin considerava que o destino dos esforços para penetrar no Médio Oriente estava ligado à sorte política de Nasser e Assad.” (RONDEAUX, 2019, p. 20). Desse modo, o que se observou é uma constante busca por fortalecer laços e alianças nesses locais, principalmente, através do envio de auxílio e suporte militar, estes que se davam na maioria das vezes de forma secreta, de modo a evitar o levantamento de suspeitas da comunidade internacional (RONDEAUX, 2019).

No entanto, o conseqüente abalo nas relações russo-egípcias, decorrentes da negativa de Moscou em prover armamentos ofensivos ao país, face a escalada do conflito da “Guerra dos Seis Dias”, contribuiu para que este aderisse a uma estratégia mais cautelosa ao lidar com o envio de conselheiros militares para a Síria, a partir de 1967.



(RONDEAUX, 2019). Essa conjuntura se daria através do envio de oficiais disfarçados e do fornecimento de assistência técnica-militar. Desse modo:

As lições do fracasso dos conselheiros militares durante a era soviética para converter a generosidade do Kremlin em proezas militares sírias seriam reaplicadas mais tarde, após o início da Primavera Árabe, conforme observado pelo Especialista em defesa russo Vladislav Shurygin” (RONDEAUX, 2019, p. 22).

O fim da Guerra Fria, no entanto, em seus primeiros anos, resultou em uma mudança no foco da política externa russa, afastando-se desses parceiros de modo a buscar fortalecer e priorizar as relações com o Ocidente. No entanto, mesmo com essa redução do envolvimento russo na região durante a década de 1990, o envolvimento e estratégias do país no Oriente Médio vieram a pavimentar padrões que iriam ser retomados na era pós-soviética, principalmente, com o advento de Primakov e, posteriormente, com Putin (RONDEAUX, 2019).

O advento das revoltas populares na Síria, em 2011, seguido de uma grande repressão por parte do regime, resultou em uma escalada gradual em direção a uma guerra civil (LAUB, 2023). Assim, com a intensificação do conflito, tanto os lados pró-Assad, quanto as forças anti-regime passaram a depender cada vez mais do auxílio e ajuda de outros países, principalmente, mas não limitado, da Rússia (em apoio ao regime de Bashar al-Assad) e dos Estados Unidos (em apoio a algumas forças contrárias ao regime). Essa conjuntura, por sua vez, contribuiu para elevar a importância do conflito, uma vez que passou a se tornar, em certos aspectos, um campo de batalha na qual os interesses e rivalidades geopolíticas da região seriam disputados (LAUB, 2023).

Desse modo, conforme o conflito foi se intensificando e as forças sírias passaram a se tornar cada vez mais fragilizadas, o que se observou foi uma participação mais ativa da Rússia, objetivando não só a estabilização do país, uma vez que se tratava de um importante e estratégico aliado regional, mas também almejando prevenir uma possível deposição do governo de Bashar al-Assad, promovida pelos Estados Unidos, e a implementação de um novo governo mais alinhado aos interesses ocidentais (JONES et al., 2021). Portanto, em setembro de 2015, visando auxiliar as forças aliadas a Assad, Putin declarou em uma sessão realizada ao Parlamento Russo, a entrada e participação no conflito, esta que, em princípio, estaria supostamente limitada ao fornecimento de poderio aéreo (BOUZO, 2023). No entanto, embora sua estratégia inicial tenha sido de somente atuar no apoio aéreo e permitir que as forças sírias, iranianas e milícias xiitas conduzissem a maioria das operações e combates terrestres, o avanço do conflito demonstrou uma

necessidade significativa de introduzir outros meios de auxílio, isto é, através do envio de forças expedicionárias ao país como meio de reforçar a posição de aliados, que, naquele momento se encontravam cada vez mais fragilizadas e próximas ao colapso (BOUZO, 2023).

Essa nova etapa da intervenção trouxe consigo a introdução de forças militares e especiais do exército russo, além de também incluir a atuação de Empresas Militares Privadas, que, em um primeiro momento passaram a exercer funções voltadas, principalmente, para a proteção de locais estratégicos, como refinarias de petróleo e gasodutos de gás natural, escolta e proteção de membros do governo sírio e logística e transporte de armamentos para forças aliadas (JONES et al., 2021). No entanto, assim como ocorreu na Ucrânia, essa implementação de EMPs não se limitaria somente a essas funções, mas, ao longo da guerra evoluiu de tal modo a desempenhar papéis diretamente vinculadas ao conflito, incluindo confrontos diretos com tropas inimigas, treinamento de tropas aliadas além de coordenação e manobras realizadas em conjunto com as forças especiais do exército russo (JONES et al., 2021).

O papel fundamental desempenhado por essas empresas, com destaque aqui para o Wagner Group, embora negado em algumas ocasiões por parte do governo russo, este que a princípio almejava retratar sua intervenção na guerra como uma missão de paz bem sucedida, pode ser melhor visualizado a partir de documentos obtidos pela Reuters no ano de 2017, em que se estima que nos primeiros nove meses do conflito ao menos 131 cidadãos russos haviam sido mortos na Síria, sendo em sua maioria soldados de Empresas Militares Privadas (TSVETKOVA, 2017). Em conjunto, de acordo com dados estimados do CSIS (2021), acredita-se que em momentos de pico o número de agentes privados dessas EMPs na Síria podem ter chegado a aproximadamente 1.000 a 3.000 indivíduos, podendo esse número ser muito maior do que o relatado (JONES et al., 2021). Somado a isso, o conflito entre tropas estadunidenses e forças pró-Assad em fevereiro de 2018, embora a narrativa oficial de Moscou seja de que nenhum de seus cidadãos havia participado do conflito, é rechaçada por diversas fontes, inclusive através de relatos de soldados americanos, que alegam a presença de membros do Wagner Group atuando em conjunto com as forças sírias no enfrentamento direto entre as partes (LINDER, 2018).

Nota-se, portanto, que as EMPs permitiram ao longo do conflito sincronizar avanços militares, prioridades e interesses econômicos de modo a viabilizar avanços terrestres através da conquista e proteção de áreas ricas em petróleo, gás natural e refinarias. A atuação desses atores, inclusive, pode ser datada até mesmo antes do

envolvimento oficial da Rússia, a partir de 2012, através do preenchimento e realização de atividades e funções paramilitares, por exemplo o treinamento, aconselhamento e aprimoramento das capacidades e forças de aliados no conflito, tais como o Exército Árabe Sírio (SAA<sup>28</sup>) e milícias xiitas (JONES et al., 2021).

Ademais, essas EMPs também foram responsáveis por providenciar treinamento e capacitação para outras milícias apoiadas pela Rússia, como a Sayadou Da'esh, essa que ganhou destaque no início de 2017 através de sua implementação em instalações estratégicas pelo território, em torno de Palmyra, de modo a desempenhar funções de proteção nesses locais, incluindo aeroportos militares e campos de extração de petróleo e gás natural nessa região. Além disso, essas empresas assumiram funções estratégicas relevantes para o sucesso em determinadas campanhas em território sírio, atuando em diversos aspectos como um elo de ligação entre as forças aéreas russas e forças terrestres (JONES et al., 2021).

Tal conjuntura, inclusive, pode ser melhor visualizada na campanha de Aleppo em 2016 e 2017 e a ofensiva em prol do regime em Dayr az Zawr, de 2017 a 2019, na qual essas forças privadas coordenaram ataques aéreos pelo grupo de aviação russo na Base Aérea de Hmeimim, a principal base militar russa na Síria, além de, atuar em conjunto com as “forças especiais russas (Spetsnaz), solicitando ataques aéreos e desencadeando manobras ofensivas de limpeza por parte das forças das milícias sírias e iranianas.” (JONES et al., 2021, p. 39). A progressão do conflito, conseqüentemente, resultou em uma constante evolução das funções dessas corporações, passando a assumir cada vez mais funções e missões que tradicionalmente seriam atribuídas às forças convencionais e especiais do exército russo, dentre elas:

Operações de assalto urbano para limpar bolsões controlados por rebeldes no oeste da Síria, reconhecimento de campo de batalha para auxiliar ataques aéreos russos, e incorporação com forças pró-regime para facilitar avanços terrestres na ofensiva em direção a Dayr az Zawr. Em resposta, Empresas Militares Privadas (PMCs), como a Wagner, se organizaram para refletir seu mais recente foco em missões de combate direto — com formações semelhantes às de um grupo de batalhão russo. As forças da Wagner na Síria foram compostas por várias companhias de reconhecimento e assalto (90 a 100 homens cada), um comando de grupo, uma companhia de tanques, uma artilharia combinada e unidades de reconhecimento e apoio<sup>29</sup> (JONES et al., 2021, p. 39, tradução nossa).

---

<sup>28</sup> Sigla em inglês: Syrian Arab Army (SAA)

<sup>29</sup> “urban assault operations to clear rebel-held pockets in western Syria, battlefield reconnaissance to aid Russian airstrikes, and embedding with pro-regime forces to enable ground advances in the push to Dayr az Zawr. In response, PMCs such as Wagner organized themselves to reflect their latest focus on direct combat missions—with formations mirroring that of a Russian battalion battlegroup.9 Wagner forces in

Seus papéis e funções de combate, como mencionado acima, representam um amplo leque de ações, implicando um instrumento extremamente versátil que, além de poder atuar em operações de combate direto e urbano, serviram utilmente para a realização de papéis mais táticos, inclusive no orquestramento de movimentos de manobras terrestres, segurando e limpando territórios com o auxílio das Forças Especiais Russas (JONES *et al.*, 2021). Essa lógica permitiu que os membros dessas corporações beneficiassem de uma logística comum com as forças armadas russas, a exemplo das flotilhas instaladas por engenheiros de combate russos, a fim de, auxiliar as forças do Wagner Group e as forças alinhadas ao regime de Assad no cruzamento do Rio Eufrates, durante a campanha de Dayr as Zawr (JONES *et al.*, 2021).

Ademais, além da função exercida mediante a proteção de locais estratégicos, essas corporações desempenharam um papel crucial:

Capturando refinarias, plantas de gás e outras infraestruturas energéticas dos rebeldes. Os esforços russos, liderados em parte pelo líder da Wagner, Yevgeny Prigozhin, foram tão longe a ponto de usar Empresas Militares Privadas (EMPs) para testar linhas de desconflicto bem estabelecidas entre os Estados Unidos e a Rússia, buscando potencialmente assegurar infraestrutura energética crucial em torno de Dayr az Zawr <sup>30</sup>(JONES *et al.*, 2021, p. 39-41, tradução nossa).

Nesse contexto, o relato proporcionado por soldados americanos a respeito do suposto envolvimento desses atores no conflito ocorrido em 2018, nessa região, demonstra-se como um possível indicador do envolvimento por parte de interesses russos no local. Desse modo, essas empresas nesse contexto atuariam de modo a representar um bom mecanismo de *plausible deniability* ao Estado, uma vez que permite a Rússia a manutenção de uma narrativa de não envolvimento direto por parte de seus atores, mas, assegurando que seus interesses e de seus aliados sejam almeçados mesmo sem o envolvimento direto por parte das forças estatais (LINDER, 2018). Tal fato, por sua vez, é corroborado mediante diversos relatos expostos na mídia acerca de conversas entre Prigozhin, até então líder do Wagner Group, e oficiais do Kremlin, tanto antes quanto após o ataque, sendo concedido a ele, inclusive, permissão por parte de um ministro da Rússia para dar continuidade aos ataques (LINDER, 2018).

---

Syria have been composed of several reconnaissance and assault companies (90 to 100 men each), a group command, a tank company, a combined artillery, and reconnaissance and support units.”

<sup>30</sup> “Capturing oil fields, refineries, gas plants, and other energy infrastructure from rebels. Russian efforts, led in part by Wagner leader Yevgeny Prigozhin, went so far as to use PMCs to test well-established deconfliction lines between the United States and Russia to potentially secure key energy infrastructure around Dayr az Zawr. ”

Consequentemente, com base no caso exposto acima, Linder (2018) destaca que:

*A plausible deniability* proporcionada pelo uso de Empresas Militares Privadas (EMPs) significa que, quer os funcionários do Kremlin tenham desempenhado um grande papel no planejamento ou aprovação do ataque, ou nenhum papel, o governo pode recusar a responsabilidade.<sup>31</sup> (LINDER, 2018, p. 1, tradução nossa).

Portanto, mediante a essa problemática, embora seja de conhecimento quase que geral por parte dos Estados, a utilização dessas Empresas Militares Privadas pelo governo russo, a imputação de uma responsabilidade e culpabilidade acerca de determinadas ações, muitas vezes fora da esfera legal, torna-se cada vez mais complexa, uma vez que, a narrativa oficial do governo se pautava na negativa do uso de tais instrumentos, mesmo diante de diversas provas e declarações de outros Estados. Além disso, o caráter secreto desses atores permite ao Kremlin uma ferramenta capaz de reduzir significativamente os números de causalidades oficiais de soldados, uma vez que, a morte de contratantes privados, mesmo em casos de utilização destes pelo Estado, não são contabilizados nos relatórios oficiais, fator esse que, também acaba contribuindo para dificultar ainda mais a análise de dados e a extensão de sua utilização por parte da Rússia (LINDER, 2018).

Outro aspecto significativo de atuação dessas empresas no caso sírio, pode ser percebido através da incorporação de membros dessas corporações, com destaque aqui para a Wagner Group, em missões de inteligência, em conjunto com especialistas de inteligência do exército russo, nas linhas de frente do conflito. Esse emprego se daria de modo a auxiliar na movimentação de tropas, manobras ofensivas e defensivas e na coordenação de ataques aéreos nas linhas inimigas, permitindo assim uma redução no contingente de soldados russos necessários para certas operações e, consequentemente, diminuindo seus custos humanos e financeiros (JONES et al., 2021).

Acredita-se também que esses especialistas privados tenham sido empregados em funções de coleta de dados a respeito da presença de tropas inimigas em locais específicos, repassando essas informações a aliados como forma de auxiliar em estratégias e táticas adequadas para prosseguir com determinadas manobras ofensivas, objetivando nesse caso, a redução de possíveis danos (JONES et al., 2021). Somado a isso, embora na intervenção síria não tenha se observado diretamente o envolvimento dessas EMPs em campanhas de propaganda e desinformação, esses atores serviram

---

<sup>31</sup> “The plausible deniability afforded to the government by the use of PMCs means that whether Kremlin officials played a large role in planning or approving the attack, or no role at all, the government can refuse blame.”

mesmo que indiretamente como meios de promover e melhorar a imagem do Kremlin nesses locais, uma vez que:

Moscou pode apresentar os combatentes dessas Empresas Militares Privadas (EMPs) como voluntários entusiasmados que expressam a vontade do povo russo. Parceiros locais também aproveitaram os sucessos no campo de batalha dessas EMPs russas para fins de propaganda. As forças da Wagner, por exemplo, às vezes se identificam como forças sírias em vídeos e entrevistas, conferindo maior legitimidade ao governo de Assad por meio de vitórias no campo de batalha.<sup>32</sup>(JONES et al., 2021, p. 41, tradução nossa).

Desse modo, pode-se concluir que, embora atuem muitas vezes como supostos atores autônomos do Estado russo, as EMPs, na maioria dos casos agem em prol dos interesses do país e de seus aliados, assumindo importantes funções ao longo do conflito. Essas funções, por sua vez, como abordado em ambos os casos se demonstram extremamente voláteis e podem se alterar ao longo do conflito de modo a atender necessidades pontuais, variando desde o exercício de papéis auxiliares e logísticos, até mesmo a papéis mais diretos, lutando diretamente e em conjunto com as forças aliadas em confrontos diretos, participando no treinamento e capacitação de forças locais e até mesmo exercendo funções de inteligência. Trata-se, portanto, de uma expansão da estratégia de guerra híbrida já empregada historicamente pelo governo russo, presente em vários períodos históricos, incluindo na URSS, mesmo que de forma distinta, e fornece um bom instrumento de negação de ações que possibilita driblar mecanismos legais e até mesmo dificultar a implementação de sanções.

Essas corporações permitem uma diversificação no fluxo de receita, mediante concessões econômicas concedidas a corporações russas associadas a essas EMPs, em troca de assistência técnica e militar. Nesse caso, a Rússia supostamente usaria de incentivos de mercado a fim de recompensar o sucesso em determinadas operações, como foi o caso de duas empresas russas que vieram a contratar EMPs, através do incentivo do Estado, para garantir a segurança de locais-chave de infraestrutura energética na Síria: Evro Polis (petróleo e gás) e Stroytransgaz (mineração de fosfato), esta última assegurando um local de mineração no centro da Síria (JONES et al., 2021).

### 3.3 ESTUDO DE CASO COMPARADO

---

<sup>32</sup> “Moscow can pass off PMC fighters as enthusiastic volunteers that convey the will of the Russian people. Local partners also have leveraged Russian PMC battlefield successes for propaganda. Wagner forces, for example, sometimes identify as Syrian forces in videos and interviews, providing increased legitimacy to the Assad government through battlefield victories.”

A escolha desses dois casos se deu devido à relevância de ambos os temas, a Ucrânia por se tratar de um país localizado no entorno estratégico russo, além de se tornar ainda mais pertinente em face dos recentes acontecimentos da operação russa no último ano. Na Síria, no entanto, esse foco se deu devido se tratar de um dos principais parceiros e aliados históricos da Rússia na região do Oriente Médio, representando também, uma significativa importância no que diz respeito à projeção de influência do país nessa região e ao alto volume comercial entre os países.

Desse modo, esses casos também servem como modelos de análise para o desenvolvimento de possíveis padrões de utilizações das Empresas Militares Privadas por parte do Estado russo, compondo e representando uma importante ferramenta na estratégia híbrida do país em locais estratégicos, como é o caso da Ucrânia e da Síria (JONES *et al.*, 2021). A utilização dessas corporações nesses locais, ademais, contribuiu para estabelecer padrões que propiciaram ao Estado lições que viriam a ser aprimoradas em operações seguintes, incluindo, mas não limitando, a nova intervenção realizada na Ucrânia em 2022.

Assim, a variável dependente proposta pelo trabalho, isto é, a projeção de influência russa em locais estratégicos, pode ser percebida a partir do momento em que consideramos a sua relação com as variáveis independentes em ambos os casos. Nesse caso, essas variáveis irão atuar como indicadores que perpassam pela atuação dessas Empresas Militares Privadas, em especial o Wagner Group, de modo a imputarem uma relação e possível explicação dos meios utilizados para a concretização desse objetivo. Portanto, se considera como variáveis independentes, além da atuação de fato desses atores, outros elementos que serão analisados a seguir, como as funções desempenhadas por essas empresas, o seu *modus operandis* e quais foram os possíveis ganhos relativos do Estado em se utilizar dessas corporações.

Portanto, para a primeira variável, referente à presença ou não desses atores, é possível verificar, com base nos dados e informações analisadas que os mesmos se demonstraram presentes em ambos os conflitos, exercendo um papel essencial para a conquista e manutenção de ganhos significativos nessas intervenções. Em ambos os casos, a presença desses atores se demonstrou como um aspecto fundamental para diversas vitórias por parte do Estado russo (Ucrânia) e aliados (Ucrânia e Síria), servindo de diversas funções que se modificaram ao longo do conflito, demonstrando uma extrema versatilidade desses atores mediante necessidade.

No que diz respeito às suas funções e *modus operandis*, referente à segunda variável independente, há de se analisar alguns aspectos fundamentais, sendo eles, a participação em combates diretos, prestação de papéis auxiliares, como é o caso de treinamento de tropas aliadas, auxílio logístico e funções de inteligência, além disso, destaca-se também a participação desses atores em outras esferas que não se limite somente ao conflito, como é o caso das campanhas de propagandas e desinformação realizadas por essas corporações e empresas afiliadas, como foi o caso ucraniano.

Dentre essas, observa-se que em ambos os casos foi possível observar a presença de todas essas variáveis, com exceção talvez da última, referente à disseminação de propagandas e desinformação, uma vez que esta somente se confirmou no caso ucraniano, em grande parte devido a sua proximidade não só territorial, como também ideológica, em certos aspectos, e cultural. Na Síria, essas campanhas se demonstraram quase que inexistente ou não foi possível encontrar dados que suportem essa hipótese, isto é, de que houve uma participação, mesmo que indireta desses atores em campanhas de desinformação e propagandas, mas, com destaque ao caso sírio, o que se observou foi que essas EMPs, mesmo que indiretamente, atuaram de certa forma como “representantes do povo russo”, agindo assim, como uma espécie de propaganda para o governo nesses locais (JONES et al., 2021).

As funções auxiliares, são as que mais frequentemente se mostraram presentes, sendo em ambos os casos a razão pela implementação inicial desses atores nos conflitos. Na Ucrânia, por exemplo, o envio inicial desses atores, em 2014, se deu de modo a exercer papéis auxiliares a fim de complementar e aprimorar os esforços das forças russas e rebeldes locais, passando somente depois a exercer outros papéis, como a participação em confrontos diretos. Além disso, na Síria, essa conjuntura também foi observada e se deu de forma semelhante, evoluindo e adquirindo novas funções conforme as hostilidades e necessidades demandaram. Portanto, em ambos os casos também se observa que, dentre essas funções auxiliares, a que mais se destacou e se mostrou presente foi, o aproveitamento desses atores e de suas habilidades técnicas e táticas para o treinamento de forças aliadas, isto é, os rebeldes separatistas ucranianos e as forças sírias e aliadas.

No que condiz ao exercício de funções de inteligência, em ambos os casos esses operados atuaram de modo a complementar esforços já existentes por parte do exército russo, atuando na Ucrânia, principalmente, na coleta de informações, atos de sabotagens e operações secretas, normalmente que possuíam um alto risco para o emprego de forças convencionais (JONES et al., 2021). Na Síria, o emprego de funções de inteligência nesse



caso se baseava principalmente na atuação em conjunto com especialistas russos, de modo a coordenarem e auxiliarem nas manobras ofensivas e ataques aéreos. Nesse último caso, não foi observado, ou ao menos não possui dados suficientes, que confirmem a utilização dessas EMPs em atos de sabotagem.

A tabela abaixo irá dispor dessas informações buscando oferecer uma forma mais objetiva de visualizar a presença ou não dessas variáveis em cada caso específico, sendo portanto, um instrumento para facilitar a compreensão e visualização dos itens mencionados acima. Ressalta que, no primeiro quadro optou-se por priorizar as variáveis independentes referentes ao número estimado de agentes, o envolvimento desses atores em conflito direto, seu envolvimento no exercício de papéis auxiliares, sua atuação em funções de inteligência e, por fim, se houve envolvimento em campanhas de propaganda e desinformação. A última variável, referente aos ganhos relativos, será analisada logo em seguida, como forma de permitir uma melhor visualização:

**Quadro 1- Análise das variáveis**

<b>Operações/ País em que foi realizado</b>	<b>Número estimado de agentes privados</b>	<b>Atuação direta em conflito</b>	<b>Atuação em papéis auxiliares</b>	<b>Atuação em funções de inteligência</b>	<b>Atuação em campanhas de propagandas e desinformação</b>
Ucrânia	2.500 a 5000	Sim	Sim	Sim	Sim
Síria	1000 a 3000	Sim	Sim	Sim	Não

Fonte: Elaboração própria.

Com relação a última variável, referente aos potenciais ganhos relativos, há de se destacar três aspectos centrais, sendo eles as vantagens geopolíticas, econômicas e ideológicas. No caso ucraniano, a utilização dessas empresas permitiu ao Estado russo assegurar seus objetivos iniciais, isto é, a anexação da Crimeia e o combate e retardamento dos contingentes militares do Exército da Ucrânia. Sendo assim, as Empresas Militares Privadas nesse contexto permitiram ao governo russo assegurar controle de um ponto estratégico geopoliticamente, a Ucrânia, deixando o país fragilizado e fragmentado em consequência disso, além de empregar mecanismos de negativa mediante a possíveis violações do Direito Internacional e assegurar o controle de uma posição geopolítica estratégica para o país, a Crimeia e, posteriormente Donbass, reduzindo significativamente o risco de expansão da OTAN na região.

Já no caso da Síria, as vantagens geopolíticas obtidas podem ser vistas no apoio a um regime aliado e o sucesso em prevenir que os Estados Unidos estabelecessem no país um governo voltado para os interesses ocidentais, assegurando uma posição e um aliado importante no Oriente Médio. Ademais, observa-se que:

Moscou tem aproveitado seus sucessos na Síria para aumentar a posição de destaque de Moscou no cenário global como mediador de uma guerra brutal, mitigar a ameaça do Estado Islâmico, obter lucros por meio de acordos energéticos favoráveis e afastar os Estados Unidos e seus parceiros<sup>33</sup> (JONES et al., 2021, p. 41).

No que diz respeito às vantagens econômicas, o caso ucraniano não foi possível observar ganhos significativos nessa área, sendo assim se limitou mais aos ganhos ideológicos, principalmente, devido ao papel fundamental dessas EMPs em auxiliar a Rússia no exercício de seu soft power, através dos campos patrióticos e meios de comunicação que constantemente promoviam propagandas e campanhas favoráveis aos interesses russos e a campanha de intervenção na Ucrânia. Na Síria, por sua vez, observa-se que os ganhos econômicos já estiveram mais presentes, principalmente, em decorrência do acesso e proteção de áreas ricas em recursos naturais estrategicamente importantes para o país, como é o caso do petróleo e gás natural. Desse modo, nota-se a disposição do governo sírio em trocar acesso e concessões para a exploração desses recursos para empresas russas e associadas a essas corporações, em troca de assistência técnica e militar (JONES et al., 2021).

No aspecto ideológico, no entanto, a Síria não possuiu o mesmo nível de relevância para o Estado, uma vez que, diferentemente do caso ucraniano, não foi possível observar concretamente a incidência dessa campanhas de propaganda a fim de promover os interesses russos no país, mas, como mencionado anteriormente, ressalta que a própria presença e atuação dessas empresas em conjunto as forças sírias, por si só, já poderia ser considerado em alguns aspectos como um elemento de promoção do país nesses locais, tornando esses atores muitas vezes em “representantes” do país e aprimorando as relações com aliados.

Por fim, o segundo quadro irá ilustrar a presença ou não dos elementos analisados referentes à existência de ganhos relativos nas áreas contempladas, isto é, o setor econômico, geopolítico e ideológico:

---

<sup>33</sup> “Moscow has leveraged its successes in Syria to enhance Moscow’s stature on the global stage as a mediator of a brutal war, mitigate the threat from the Islamic State, draw profits from favorable energy deals, and push out the United States and its partners.”

**Quadro 2- Análise das variáveis**

<b>Operações/País em que foi realizado</b>	<b>Ganhos Geopolíticos</b>	<b>Ganhos Econômicos</b>	<b>Ganhos Ideológicos</b>
Ucrânia	Sim	Não foram significativos	Sim
Síria	Sim	Sim	Não

Fonte: Elaboração própria, 2023.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opinião popular normalmente atribuída à percepção da guerra na atualidade, passa pela ideia de que os conflitos comumente são realizadas por Estados em detrimento da defesa de um suposto interesse nacional, objetivando o bem comum da sociedade. No entanto, como abordado ao longo do trabalho, essa percepção na maioria das vezes não retrata de forma fidedigna a realidade dos conflitos contemporâneos, permeado diversos outros atores, abrangendo desde grupos paramilitares, terroristas e, principalmente, Empresas Militares Privadas, vulgarmente chamados de mercenários pela opinião pública.

A concepção vestfaliana, trouxe consigo essa mudança paradigmática, instituindo os Estados como principais atores do sistema internacional, assegurando a soberania e concedendo a estes o monopólio exclusivo do uso da força. Essa conjuntura, por sua vez, marcou uma mudança sem precedente na forma como percebemos e analisamos os conflitos, uma vez que, até então o emprego de atores privados se demonstrava mais como uma regra do que uma exceção, sendo peças fundamentais em diversos períodos da história da humanidade.

Na atualidade, no entanto, principalmente a partir do fim da Guerra Fria, pode-se observar novamente uma ascensão desses atores privados em conflitos. Esse fato foi marcado, principalmente, em decorrência da redução dos contingentes militares dos países a partir desse período e a maior incidência de conflitos irregulares intranacionais, fator esse que, contribuiu para que esses atores se posicionassem como uma alternativa mais viável econômica e politicamente do que o emprego de tropas e forças nacionais, permitindo uma maior mobilidade de tropas dentro de um sistema *ad hoc*.

A Rússia, nesse contexto, com a dissolução da União Soviética e a reorganização do seu aparato militar, observou naquele período uma forte onda de privatização que levou ao recrutamento de diversos ex-soldados da KGB, veteranos e ex-membros do serviço de inteligência e forças especiais por empresas militares privadas que vinham se consolidando no país. Essas empresas, em princípio ofertavam em sua maioria serviços de segurança e proteção para outras empresas, como a Gazprom e Transneft, mas que ao longo dos anos e com sua consolidação maior no setor de segurança, passaram a desempenhar outros trabalhos, inclusive no exterior.

A ascensão de Putin e sua constante busca pela centralização do poder, retirando parte da influência das mãos da forte oligarquia, objetivando transformar a Rússia

novamente a uma potência global, capaz de projetar sua influência e garantir sua segurança, principalmente em seu entorno estratégico, levou a uma retomada nessa onda de privatizações. Desse modo, em conjunto com a crescente dependência do país do comércio de armamentos e energia, o que se observou foi, o aumento cada vez maior na demanda por serviços de segurança em determinados setores estratégicos, fator esse que levou à formação e consolidação de diversas Empresas Militares Privadas, visando assim suprir parte dessa demanda, atuando em diversos setores, desde a proteção de locais estratégicos, treinamentos de tropas aliadas, além de atuar em diversas ocasiões como importantes instrumentos geopolíticos de guerra híbrida.

Essa ascensão das Empresas Militares Privadas russas e sua maior utilização por parte do Estado, principalmente, a partir de 2010, levou a um movimento de crescimento do envolvimento desses atores em diversas regiões do mundo, muitas das vezes atuando em prol dos interesses russos e/ou de aliados. O caso ucraniano, por sua vez, demonstrase como uma das primeiras grandes utilizações desses atores em uma operação de grande escala do país, tendo suas origens na crise política que assolou a Ucrânia em meados da década de 2010 e no receio russo de uma possível expansão da OTAN para o seu entorno estratégico.

Assim, o que se observou nesse caso específico foi a incorporação das EMPs como atores fundamentais para o sucesso da intervenção, atuando a princípio em funções auxiliares e de apoio, mas que, conforme o conflito foi evoluindo, demonstraram-se extremamente versáteis, assumindo outras funções, incluindo atuações em conflitos diretos, treinamento e capacitação de aliados, promoção de campanhas de propaganda e desinformação, além de desempenharem funções de inteligência e sabotagem.

Ademais, o caso sírio demonstrou-se extremamente significativo, uma vez que, se trata da primeira introdução desses atores fora do entorno estratégico russo, além de, ser uma continuidade dos ensinamentos extraídos da utilização dos mesmos na Ucrânia. A importância atribuída ao país, principalmente, a partir de Primakov, por se tratar de um importante aliado regional e um grande parceiro comercial, se tornou um dos incentivos para a intervenção. Desse modo, a intervenção tinha como objetivos principais, estabilizar o país e impedir a deposição de Assad e uma possível implementação de um governo pró ocidental a Rússia. Assim, como se observou no caso anterior, a introdução desses atores, no início, se limitava a papéis auxiliares e menos importantes no conflito, no entanto, conforme necessidade, passaram a desempenhar outras funções, atuando, inclusive, em conjunto as forças especiais russas de modo a coordenarem ataques e manobras ofensivas,

treinando e capacitando aliados, além de assegurarem locais estratégicos, por exemplo, refinarias e campos de extração de petróleo e gás natural.

Desse modo, o trabalho observou que, no que diz respeito às variáveis independentes houve uma semelhança entre os casos, nas quais foi possível observar a presença de todas as variáveis, com exceção apenas daquela referente à utilização das EMPs, de modo a atuarem na promoção de campanhas de desinformação e propagandas e no que diz respeito à perspectiva de ganhos econômicos. A atuação de EMPs na disseminação e promoção de campanhas de desinformação e propagandas somente foi confirmada no que se refere ao caso ucraniano, enquanto que, no que diz respeito à perspectiva de ganhos relativos na área econômica, somente foi possível confirmar essa variável no caso sírio.

Pode-se concluir, portanto, que, em ambos os casos, essas EMPs desempenharam um papel fundamental para a conquista de determinadas vitórias e objetivos, fornecendo uma poderosa ferramenta de plausible deniability ao Estado russo. Ademais, a análise em questão, como ressaltado anteriormente, não se propôs a exaurir o tema, mas, contribuir para o debate a respeito da importância e papel que essas EMPs desempenharam e podem desempenhar nos conflitos, levantando o debate em torno da importância de uma legislação mais rígida a esses atores e seus contratantes. Somado a isso, a utilização dessas Empresas Militares Privadas pela Rússia, com base nesses dois casos, pode vir a representar uma possível constituição de um padrão de operação do país, utilizando-se desses meios negáveis e altamente eficazes, como forma de promover seus interesses e influência em locais estratégicos, sem, no entanto, assumirem diretamente a responsabilidade por determinadas ações que podem vir a sofrer condenação da sociedade internacional e opiniões públicas internacionais e domésticas.

## REFERÊNCIAS

ARNOLD, Thomas. **The Geoeconomic Dimensions of Russian Private Military and Security Companies**. Academia, Military Review, nov. – dez. 2019.

AVANT, Debora D. “private security”. In: WILLIAMS, Paul D. (edt.). **Security Studies: an introduction**. London and New York: Routledge, 2008, pp. 438-452

BANCO MUNDIAL. World Development Indicators Database. **Russian Federation GDP (current US\$)**. World Bank, 2023. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?end=2022&locations=RU&start=1992>. Acesso em: 29 nov. 2023

BANCO MUNDIAL. World Development Indicators Database. **Military expenditure (% of GDP) - Russian Federation**. World Bank, 2023. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.XPND.GD.ZS?end=2022&locations=RU&start=1992&view=chart>. Acesso em: 29 nov. 2023

BANCO MUNDIAL. World Development Indicators Database. **Military expenditure (current USD) - Russian Federation**. World Bank, 2023. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.XPND.CD?end=2022&locations=RU&start=1992&view=chart>. Acesso em: 29 nov. 2023

BOUZO, Emad. **The Wagner Group in Syria: Profiting Off Failed States**. Grikra Forum, 2023. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/wagner-group-syria-profiting-failed-states>. Acesso em 29 nov. 2023

COLLIER, David. “**The comparative method**”. In: FINIFTER, Ada W. (edt.). **Political Science: the state of the discipline**. Washington, D.C.: American Political Science Associations, 1993, p. 105-118.

Congressional Research Services. **Russia’s Wagner Private Military Company (PMC)**. Crs Reports, 2023. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/IF/IF12344>. Acesso em 29 nov. 2023

DUARTE, Samuel Correa; FIGUEIREDO, Cesar Alessandro Sagrillo. **Um balanço político do fim da URSS: crises e colapso**. Tensões Mundiais, Fortaleza, v. 13, N. 25, pp. 181 - 206, dez, 2017

FAS. **Russian Military Budget**. FAS, 2020. Disponível em: <https://nuke.fas.org/guide/russia/agency/mo-budget.htm>. Acesso em: 29 nov. 2023

JONES, Seth G. et al. **Russia’s Corporate Soldiers: The Global Expansion of Russia’s Private Military Companies**. Center for Strategic and International Studies, 2021.

JUNIOR, Julio Cesar Noschang. **Anexação da Crimeia: Uma análise do Soft Power e da Guerra de Quarta Geração**. 3º Seminário de Relações Internacionais da ABRI, Florianópolis, 2016. Disponível em: [http://www.seminario2016.abri.org.br/resources/anais/23/1474646367\\_ARQUIVO\\_NO](http://www.seminario2016.abri.org.br/resources/anais/23/1474646367_ARQUIVO_NO)

[SCHANG Jr-AnexacaodaCrimeia-umaanalisedoSoftPowereaGuerradeQuartaGeracao.pdf](#). Acesso em: 29 nov. 2023

KATZ, Brian; JONES, Seth; DOXSEE, Catrina; HARRINGTON, Nicholas. **Moscow's Mercenary Wars: The Expansion of Russian Private Military Companies**. Center for Strategic and International Studies, Washington DC, set. 2020. Disponível em: <https://russianpmcs.csis.org/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

LAUB, Zachary. **Syria's Civil War: The Descent Into Horror**. Council of Foreign Relations, 2023. Disponível em: <https://www.cfr.org/article/syrias-civil-war>. Acesso em: 29 nov. 2023

LINDER, Andrew. **Russian Private Military Companies in Syria and Beyond**. CSIS, 2018. Disponível em: [https://csis-website-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/181017\\_RussianPrivateMilitary.pdf?EdPhoXOlhiGQM2BcYZyQiug3\\_aJem5nM](https://csis-website-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/181017_RussianPrivateMilitary.pdf?EdPhoXOlhiGQM2BcYZyQiug3_aJem5nM). Acesso em: 29 nov. 2023

LIPJHART, Arend. **A política comparativa e o método comparativo**. 4. ed. Rio de Janeiro: R. C. pol, 1975. v. 75.

MAUCERI, John. **The Wagner Group Explained**. Yale University Press, 2023. Disponível em: <https://yalebooks.yale.edu/2023/07/07/the-wagner-group-explained/>. Acesso em: 29 nov. 2023

MIRANDA, Adriano Junior Bruck et al. **A Armadura Invisível: A Utilização da Empresa Militar Privada Wagner em conflitos envolvendo interesses da Rússia**. XVI Congresso Acadêmico sobre Defesa Nacional, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/ensino\\_e\\_pesquisa/defesa\\_academia/cadn/artigos/xvi\\_cadn/aa\\_armaduraa\\_invisivela\\_aa\\_utilizaaoa\\_daa\\_empresa\\_militara\\_privada.pdf](https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/ensino_e_pesquisa/defesa_academia/cadn/artigos/xvi_cadn/aa_armaduraa_invisivela_aa_utilizaaoa_daa_empresa_militara_privada.pdf). Acesso em: 29 nov. 2023.

MOTA, Rui Martins da. **GEOPOLÍTICA E SEGURANÇA DO ESTADO NO SÉCULO XXI: A Terceirização da Violência**. 2020. Monografia (Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia) - Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2020.

PASQUARELLI, Bruno Vicente Lippe. **Política Comparada: Tradições, Métodos e Estudos de Caso**. Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR, v. 2, n. 2, 2014

PIMENTEL, C. R. **A Ascensão de Empresas Militares e de Segurança Privada no Pós-Guerra Fria: Gênese do Problema e seus Impactos sobre a Segurança Internacional**. Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v.2. n.3, jul./dez., 2013.

RODRIGUES, Robério Paulino. **O colapso da URSS: Um estudo das causas**. 2006. 295f. Tese Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006



RONDEAUX, Candace. **Decoding the Wagner Group: Analyzing the Role of Private Military Security Contractors in Russian Proxy Warfare**. New America, Washington DC, 07 nov. 2019. Disponível em: <https://www.newamerica.org/international-security/reports/decoding-wagner-group-analyzing-role-private-military-security-contractors-russian-proxy-warfare/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SILVA, Matteo Marques da. **A Governabilidade Neoliberal: uma análise pós-estruturalista da privatização dos serviços militares e de segurança pós Guerra Fria**. Universidade de Coimbra, Coimbra, janeiro, 2019.

SINGER, P. W. **Corporate Warriors: The Rise of the Privatized Military Industry**. Updated Edition. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 2003

SPERANCETE, Luiz Fernando Mocelin. Nacionalismo e a Política do Poder na Rússia de Vladimir Putin. **Revista Pesquisa & Debate** nº 2 pp 147-162. ISSN: 1806-9029. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view/35145/24453>. Acesso em 29 nov. 2023

SKIBITSKYI, Vadym. Presentation on “**Private military companies and their role in modern regional conflicts**”. Permanent Mission of Ukraine to the International Organizations in Vienna, 2020. Disponível em: <https://vienna.mfa.gov.ua/en/news/vistup-na-temu-privatni-vijskovi-kompaniyi-ta-yih-rol-u-suchasnih-regionalnih-konfliktah>. Acesso em: 29 nov. 2023

SUKHANKIN, Sergey. **War, Business and Ideology: How Russian Private Military Contractors Pursue Moscow’s Interests**. The Jamestown Foundation: Global Research & Analysis, Washington DC, 20 mar. 2019. Disponível em: <https://jamestown.org/program/war-business-and-ideology-how-russian-private-military-contractors-pursue-moscows-interests/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

TOMÉ, Luís. Geopolítica da Rússia de Putin: Não é a União Soviética mas gostava de ser... **Revista RI**, Lisboa, pp. 69 – 99, dezembro, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23906/ri2018.60a05>. Acesso em: 29 nov. 2023

TSVETKOVA, Maria. Exclusive: Death certificate offers clues on Russian casualties in Syria. **Reuters**, 2017. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-russia-syria-casualty/exclusive-death-certificate-offers-clues-on-russian-casualties-in-syria-idUSKBN1CW1LP/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

WEBER, Yuval. **Not So Private Military and Security Companies: Wagner Group and Russian Prosecution of Great Power Politics**. CSIS, 2020. Disponível em: <https://www.csis.org/blogs/post-soviet-post/not-so-private-military-and-security-companies>. Acesso em: 29 nov. 2023

WIIRA, Nayara de Oliveira. O processo de privatização e a formação da oligarquia russa no governo Yeltsin (1991 – 1999). **Aurora Marília**, v.14, pp. 89-100, 2021

WORLD INTEGRATED TRADE SOLUTIONS. **Russian federation country growth v/s world growth v/s gdp growth**. WITS, 2022. Disponível em: <https://wits.worldbank.org/CountryProfile/en/RUS>. Acesso em: 01 dez. 2023

ZHEBIT, Alexander. Sobre a história da política externa da Rússia: o “paradigma” de Primakov. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 41, pp. 421-445, maio/ago, 2019

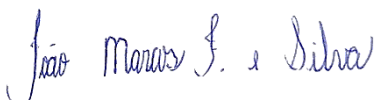
RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

ANEXO I  
APÊNDICE ao TCC


Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante João Marcos Francisco e Silva do Curso de Relações Internacionais matrícula 20192004300138 telefone: 62 992783434 e-mail jmfs99@hotmail.com na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado De Donbass a Damasco: Empresas Militares como instrumentos de projeção geopolítica da Rússia, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 05 de dezembro de 2023.

Assinatura do(s) autor(es): 

Nome completo do(s) autor(es): João Marcos Francisco e Silva

Assinatura do professor orientador: 

Nome completo do professor orientador: Guilherme Augusto Batista Carvalho